



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB**

**FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE**

**A CONTRIBUIÇÃO DE JOGOS E BRINCADEIRAS COMO  
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS: OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE**

**DAIANY ARAÚJO SANTOS**

**Brasília – DF**

**2013**

**Daiany Araújo Santos**

**A CONTRIBUIÇÃO DE JOGOS E BRINCADEIRAS COMO  
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS: OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE**

**Trabalho Final de Curso apresentado**, como requisito parcial para obtenção do título de **Licenciada em Pedagogia**, à Comissão Examinadora da **Faculdade de Educação da Universidade de Brasília**, sob a orientação da Professora Dr<sup>a</sup>. Teresa Cristina Siqueira Cerqueira.

**Orientadora: Dr<sup>a</sup>. Teresa Cristina Siqueira Cerqueira.**

**Brasília – DF**

**2013**

Santos, Daiany Araújo.

Jogos e brincadeiras como práticas pedagógicas: observação participante. / Daiany Araújo Santos: Brasília: UnB. 2013.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade de Brasília, 2013.

Orientadora: Profa. Dra. Teresa Cristina Siqueira Cerqueira.

**TERMO DE APROVAÇÃO**

**DAIANY ARAÚJO SANTOS**

**A IMPORTÂNCIA DE JOGOS E BRINCADEIRAS NO  
DESENVOLVIMENTO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso defendido sob a avaliação da Comissão  
Examinadora constituída por:

---

Profa. Dra. Teresa Cristina Siqueira Cerqueira (Orientadora)  
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

---

---

**Data da aprovação: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_**

Primeiramente a Deus,

À minha querida mãe Iracilda Maria,

A meu pai Manoel Ferreira dos Santos.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço em primeiro lugar a Deus, por todas as bênçãos derramadas sobre a minha vida e por Ele ter me ajudado a chegar até aqui, pois sem Ele eu nada seria.

Aos meus pais que são os meus maiores exemplos de vida e que me ensinaram tudo o que eu precisava para me tornar a pessoa que eu sou hoje, eles me ensinaram a perseverar, a ter fé, a ser humilde e a batalhar pelos meus grandes sonhos. Eles são a minha força e sem o empenho e a dedicação deles cotidianamente eu não teria vencido as principais barreiras da minha vida.

Aos meus amigos que sempre torceram por mim, em especial a Bruna Alessandra que me acompanhou muito na Faculdade de Educação e sempre me ajudou no que eu precisava. Também a minha irmã Andreia Gardenes que acreditou na realização desse sonho junto comigo e que sempre esteve ao meu lado, me orientando e me dando conselhos.

A professora Carla Castelar Queiroz de Castro que contribui para a escolha desse tema e que sempre me orientou e me ajudou no que eu precisei. A professora Teresa Cristina Siqueira Cerqueira que abraçou o meu trabalho e entendeu as minhas condições.

As minhas ex-companheiras de trabalho Pamela Mazzarello e Marcilania Almeida que me ensinaram muitas coisas e que fizeram dos meus dias de trabalho dias mais felizes. A todos que de alguma forma contribuíram para a minha formação.

“Rodeadas por um mundo de gigantes, as crianças criam para si, brincando, o pequeno mundo próprio.”

Walter Bejamim

Santos, Daiany Araújo. Jogos e brincadeiras como práticas pedagógicas: observação participante. Brasília, Distrito Federal: Universidade de Brasília, Faculdade de Educação. Trabalho de Conclusão de Curso, 2013.

## RESUMO

O objetivo desse trabalho é compreender como jogos e brincadeiras são importantes para a prática pedagógica. Durante o desenvolver do trabalho poderemos entender a importância de jogos e brincadeiras com intencionalidade pedagógica serem incluídos na educação infantil e o quanto são essenciais para a construção das relações humanas e para o desenvolvimento da cidadania, além de serem importantes transmissores de cultura. Para realização desta pesquisa adotou-se o método qualitativo através de atividades realizadas com crianças de 2 a 3 anos de idade pertencentes a uma escola particular do Plano Piloto. Foram feitas observações das atividades lúdicas previamente preparadas e elaboradas com a finalidade de promover o aprendizado e desenvolvimento das crianças. Percebe-se que mesmo com tantas pesquisas a respeito desse tema, ainda não há total entendimento da sua importância no espaço escolar, tendo em vista que o brincar tem sido reservado ao recreio e a períodos delimitados e na maioria das vezes não possuem nenhuma intencionalidade educativa. Sendo assim, ao final do presente trabalho conclui-se que as brincadeiras e os jogos tornam-se um instrumento de grande valia, tanto para os profissionais da educação como outros de diferentes áreas que pretendam obter maiores informações sobre como utilizarem-se desses recursos de maneira positiva no processo de ensino-aprendizagem, para ajudar na construção do sujeito de maneira integral em seus aspectos físicos, psicológicos, intelectual e social.

**Palavras-chave:** jogos, brincadeiras, educação infantil, lúdico, aprendizagem e desenvolvimento.



## ABSTRACT

The aim of this study is to investigate and demonstrate the importance of games and infant activities in the development process for the formation of children in school base, present in early childhood education. During the work development, we will understand the importance of games and activities, with pedagogical intent, being included in the early childhood education and how they are essential for building human relationships and the development of citizenship, besides being important transmitters of culture. To conduct this research, the qualitative method was adopted through activities with 2-3 year old children and observations of leisure activities, previously prepared, with the aim to promote the learning and development of children, were made. It can be seen that even with a lot of research on this subject, there is still no full understanding of its importance in school, considering that playing has been reserved for recreation and delimited periods, and in most cases, has no educational intent. Thus, at the end of this study, it concludes that games can become an instrument of great value for both education professionals and others from different areas who want more information about how to use these resources positively in the teaching-learning process, to help in the construction of the subject in a comprehensive way in physical, psychological, intellectual and social terms.

**Keywords:** games, children's education, leisure, learning and development.

## SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS .....	6
RESUMO.....	8
ABSTRACT .....	9
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS.....	12
APRESENTAÇÃO.....	10
MEMORIAL .....	15
INTRODUÇÃO .....	20
CAPÍTULO I: EDUCAÇÃO INFANTIL .....	22
<b>1.1 A história da educação infantil no Brasil.....</b>	<b>22</b>
<b>1.2 A relação Cuidar e Educar.....</b>	<b>29</b>
CAPÍTULO II: JOGOS E BRINCADEIRAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	32
<b>2.1 Conceituação de Jogos e Brincadeiras.....</b>	<b>32</b>
<b>2.2 Brincadeira e cultura.....</b>	<b>35</b>
CAPÍTULO III: JOGOS E BRINCADEIRAS NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL...38	
<b>3.1 A aprendizagem e o desenvolvimento.....</b>	<b>38</b>
<b>3.2 Jogos e brincadeiras na escola.....</b>	<b>43</b>
CAPÍTULO IV: METODOLOGIA .....	46
<b>4.1 Caracterização do campo da prática.....</b>	<b>47</b>
<b>4.1.1 Recursos materiais e organização interna.....</b>	<b>48</b>
<b>4.1.2 Perfil socioeconômico dos estudantes.....</b>	<b>50</b>
<b>4.1.3 Formação dos professores.....</b>	<b>50</b>
<b>4.1.4 PPP (Projeto Político Pedagógico.....</b>	<b>51</b>
<b>4.2 Atuação na escola .....</b>	<b>52</b>
<b>4.3 Diário de bordo.....</b>	<b>53</b>
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	81

PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS.....	83
REFERÊNCIAS.....	84
ANEXO.....	85

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

LDB – Lei de Diretrizes e Bases

PNE – Plano Nacional de Educação

ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente

FUNDEB – Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e Valorização dos Profissionais da Educação

UNESCO – Organizações das Nações Unidas para a Educação Ciência e Cultura

RCNEI – Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil

UnB – Universidade de Brasília

## APRESENTAÇÃO

Motivada pelo assunto, Educação Infantil, lugar de pesquisas e prática pedagógica considerando cada criança com única e preocupada com o seu desenvolvimento é que foi elaborado o presente trabalho que busca mostrar a importância de jogos e brincadeiras nas atividades realizadas por crianças e professoras na educação infantil.

Este trabalho final de curso tem como tema: “JOGOS E BRINCADEIRAS COMO PRÁTICAS PEDAGÓGICAS: OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE” e foi estruturado em três partes: Memorial Educativo, Monografia e Perspectivas Profissionais. Na primeira parte encontra-se o Memorial Educativo onde faço uma trajetória da minha vida escolar até a acadêmica. A segunda parte é a Monografia, um estudo científico baseado em um método de observação, com a aplicação de jogos e brincadeiras na educação infantil, na terceira parte há um relato das minhas perspectivas profissionais, agregando as minhas pretensões e o meu papel como educadora.

No meu Memorial Educativo, há um resgate da minha vivência escolar até chegar à universidade; mostrando cuidadosamente o meu trajeto como aluna e o que me levou a optar por pedagogia no PAS. Neste memorial exponho também a minha decisão pela temática abordada na monografia.

A Monografia, segunda parte do trabalho, foi dividida em três capítulos. O capítulo I (um) intitulado de Educação Infantil trata da Educação Infantil apresentando como ela está estruturada no nosso país e quais são as bases legais para que ela aconteça bem como um breve histórico sobre a educação infantil no Brasil e a relação entre cuidar e educar.

O capítulo II (dois) denominado: Jogos e Brincadeiras Infantis se refere à conceituação de jogos e brincadeiras e da relação existente entre a brincadeira e a cultura, considerando que é importante saber diferenciar jogos, brincadeiras e brinquedo e saber qual é o envolvimento do jogo com a cultura.

O capítulo III (três) denominado: Jogos e brincadeiras no desenvolvimento infantil dá início ao tema chave dessa monografia apresentando a importância de jogos e brincadeiras no desenvolvimento infantil bem como a relação entre a aprendizagem e o desenvolvimento e como o brincar na escola pode ser diferenciado, possuindo uma intencionalidade educativa.

O capítulo IV (quatro) é destinado a metodologia, especificando o método e como se desenvolveram as observações. O mesmo capítulo expõe detalhes sobre o campo da pesquisa e a sua aplicação apresentando o diário de bordo que contém os jogos e brincadeiras desenvolvidos em uma escola particular com crianças de 2 a 3 do Maternal I, 2ª fase. Foram feitas relações entre os jogos e brincadeira aplicadas e suas relações com o aprendizado e desenvolvimento das crianças.

Na estrutura da monografia, encontram-se também as considerações finais acerca do tema abordado. Houve, ainda, a necessidade da confecção de sumário, introdução e anexos, dispostos ao longo do trabalho.

A última parte deste trabalho consiste na colocação das considerações finais e na exposição das minhas perspectivas profissionais.

## MEMORIAL

Olá, me chamo Daiany Araújo Santos e vou lhes contar um pouquinho da minha história. Tenho 21 anos e nasci no dia 30 de junho de 1991 no Hospital Regional do Gama na época das festas juninas, mas era pra eu ter nascido em um Hospital particular porque a minha mãe depois de me ganhar faria uma cirurgia denominada Laqueadura, ou seja, ela não queria ter mais filhos, mas como eu fui muito apressada pra nascer não teve outro jeito, ela teve que correr para o Hospital mais próximo da nossa residência. A origem do meu nome é um pouco engraçada, na verdade houve uma divergência de opiniões entre os meus pais. Minha mãe queria mesmo que fosse Daiany, mas meu pai queria que fosse Aline ou Roberta, não sei por que meu pai queria esses nomes, só sei que minha mãe queria Daiany porque admirava muito a princesa Diana e queria fazer uma homenagem a ela, minha irmã (Andréia) empolgada com o meu nome, não queria que ele fosse escrito semelhante ao de todas as outras, ela queria que o meu fosse diferente, então escreveu várias formas de como ele poderia ser escrito, com dois 'ns', com 'y' no meio, com 'e' no final e decidiu que ficaria mais bonito e diferente se fosse escrito com 'i' no meio, um 'n' e 'y' no final e realmente essa forma de escrevê-lo é bem diferente, pois até hoje só encontrei uma pessoa que tivesse o nome escrito igual ao meu entre tantas Daianys que já conheci. Meu nome significa o mesmo que Diana, ou seja, divina.

Eu sou a caçula da família, na verdade eu sou a única filha que meus pais realmente criaram, porque eles tiveram filhos de outro casamento que não tiveram a mesma sorte que eu, meu pai teve quatro filhas do primeiro casamento todas mulheres e minha mãe, por mera coincidência também teve quatro filhos do primeiro casamento só que a diferença foi que ela teve três homens e uma mulher, então eu sou a única filha dos dois, porém não me considero filha única por causa dos meus irmãos. As minhas irmãs por parte de pai sempre moraram na Bahia, então eu não tive muito contato com elas na minha infância, algumas vinham passar um tempo aqui, mas logo iam embora, o contato maior que tive foi com a minha Mônica porque ela veio morar um tempo com a gente e com a minha irmã Andréia que minha mãe mandou buscar no Ceará, lugar onde os meus irmãos por parte de mãe nasceram. Não me recordo muito da convivência com elas porque eu era muito pequena e logo

elas se casaram e saíram de casa, então eu as via, mas não com muita frequência, a que eu guardo mais recordação é da minha irmã por parte de pai, a Gislene, porque quando ela foi morar com a gente eu já era maior, então me lembro mais da convivência com ela do que com as outras e teve um determinado período da minha infância quase adolescência que eu tive um contato maior com a minha irmã Andréia porque eu olhava os filhos dela quando ela ia trabalhar o que contribuiu bastante para a nossa aproximação. O fato de serem filhos de outra mulher e de outro homem, não diminui o carinho que meus irmãos têm por mim nem pelos meus pais e isso também não influencia no amor que eu sinto por eles, hoje eu sei o quanto eles são importantes pra mim.

Quando pequena era bastante sapeca, adorava dançar em qualquer lugar e na maioria das vezes chamava muito a atenção das pessoas, a minha infância foi muito marcada pelas musicas do É o Tchan, eu adorava esse grupo e sempre assistia as meninas dançando para fazer igual. Aos seis anos de idade comecei a estudar, antes disso não tinha frequentado nenhuma escola porque meus pais não tinham condições de pagar. Durante toda a minha infância e adolescência eu só estudei em três escolas, dos seis aos nove anos estudei numa escola pública próxima da minha casa, na Escola Classe 07 do Gama, nesse período fiz muitas amizades e passei a brincar muito na rua com os meus colegas ao ponto de não querer entrar mais pra casa, adorava brincar de pique-esconde, queimada, coelhinho sai da toca etc.

Nesse período eu comecei a engordar porque a padaria era muito próxima da minha casa e como meu pai tinha conta lá eu comprava um monte de besteira para comer, eu quase não comia comida, só jantava mesmo porque era o horário que minha mãe estava em casa. Guardo algumas coisas dos momentos que vivenciei nessa escola e posso dizer que foi uma fase muito boa da minha vida e que eu tenho muita saudade, nessa época começaram os namoricos, aquelas paixões de criança mesmo, agora o que eu nunca vou esquecer é da minha formatura da 4ª série que foi muito legal e que me marcou muito porque representou um momento de transição na minha vida.

Dos nove aos treze anos eu estudei em uma escola muito boa chamada Centro de Ensino Fundamental 08 do Gama, no inicio foi um pouco difícil pra mim, pois a rotina era bem diferente da que eu estava acostumada, antes só tinha uma professora para todas as matérias, antes eu não mudava de sala a cada sinal que



era tocado e não tinha tantas disciplinas, a cobrança passou a ser bem maior, foi nesse período que eu também iniciei o meu curso em língua espanhola a partir da sexta série, atual sétimo ano no CIL (Centro Interescolar de Línguas), o curso teve a duração de seis anos e mesmo com muita dificuldade eu consegui me formar.

A terceira escola que eu estudei foi completamente diferente das outras, a começar porque era uma escola de ensino integral e possuía dupla formação, uma em ensino médio e outra em técnico de informática, por isso que o ensino era integral para dar conta do currículo. Foi estudando nessa escola que eu consegui no segundo ano do ensino médio o meu primeiro emprego de professora particular devido a minha desenvoltura em física comecei a dar aulas para uma colega de classe que tinha dificuldades na área de exatas e foi através dessa colega que várias outras oportunidades foram surgindo passando a ter cada vez mais um número maior de alunas, nesse período fui adquirindo uma autonomia financeira e também tive que estudar muito, pois muito do que eu tinha que ensinar eram coisas que eu já tinha visto em séries anteriores e que eu quase não me lembrava mais.

No primeiro ano do ensino médio eu fiz o PAS que se repetiu nos dois anos posteriores e no último ano veio a indecisão de qual curso colocar, não sabia o que eu queria realmente fazer, então calculei o resultado dos anos posteriores e procurei ver qual era o curso que eu tinha mais chance de passar e era pra pedagogia, então conversei com uma amiga minha que estudava em outra escola e ela também iria colocar pedagogia porque a chance de passar era bem maior, a vontade de passar na UNB era muito grande e mesmo tendo feito o PAS eu decidi também fazer o vestibular, pois o resultado do PAS só sairia no início do ano depois da data do vestibular, então resolvi tentar também passar pelo vestibular, porém no vestibular eu me inscrevi para outro curso cujo o campus era próximo a minha casa, dessa vez foi para engenharia porque eu gostava muito da área de exatas e porque eu tinha um professor de física que eu admirava muito e que ele sempre falava que esse era um bom curso, quando saiu o resultado eu tinha passado para pedagogia no PAS e não consegui passar para engenharia no vestibular, mas o que naquela época me deixou chateada foi saber que se eu tivesse colocado engenharia no PAS eu teria passado, mas graças a Deus eu não fiz isso pois o destino já me dizia que eu tinha que ser professora.

O ingresso na UNB foi uma vitória pra mim e pra toda minha família, pois ninguém havia estudado em uma instituição de ensino superior federal, minha irmã

Andréia ficou muito feliz e já foi logo se oferecendo para no dia da matrícula ir lá comigo porque eu não sabia onde era e dificilmente eu conseguiria chegar lá sozinha. O dia da matrícula foi o mais engraçado de todos, eu, minha irmã e meu cunhado nos perdemos e demoramos um pouco para chegar na UNB e quando chegamos não tínhamos a menor ideia de onde era a Faculdade de Educação, para se ter uma ideia a gente foi parar no ICC e foi lá que conseguimos a informação mais exata de onde era o prédio da Faculdade de Educação.

Logo no início do curso percebi que era isso mesmo que eu queria fazer e acabei me desencantando com o curso de engenharia e descobrindo que realmente não era para mim, pois meus amigos que faziam engenharia não tinham tempo para nada, se matavam de estudar e ainda assim não conseguiam bons resultados e muitos acabaram desistindo. Antes de estagiar eu trabalhava em grupo de pesquisa dentro da própria Universidade chamado GERAJU (Gênero Raça Etnia e Juventude), onde comecei a fazer alguns estudos nessa área, mas que ao longo do tempo percebi que essa não era a área que eu realmente me interessava. A pedagogia me proporcionou um novo olhar sobre a educação e foi no meu quinto semestre que eu pude sentir na prática o prazer de ensinar e aprender, por meio do estágio nessa escola. A oportunidade desse estágio surgiu quando eu menos esperava e por isso eu não tinha certeza se eu realmente queria fazê-lo, mas precisei tomar uma decisão rápida e decidi fazer.

A minha chegada ao Cantinho do saber ocorreu muito antes do estágio supervisionado, pois estou nessa instituição educacional desde 31/01/2011 como estagiária remunerada. A contratação nesse estabelecimento se deu de forma bem inusitada, faltando 4 dias para o início das aulas recebi uma ligação de uma amiga perguntando se eu tinha interesse em estagiar lá, fiquei na dúvida, porque o estágio era no turno da tarde, então eu teria que conseguir montar minha grade do 1º semestre de 2011 toda no período da manhã, mas decidi que iria fazer por se tratar de uma experiência nova na minha vida, pois até então eu nunca tinha feito estágio em nenhuma escola.

No outro dia após a ligação eu compareci no colégio, levei meu currículo e de cara fui contratada. Senti-me muito bem recebida pelos funcionários da escola, principalmente pela coordenadora. No último dia útil antes de começarem as aulas participei da reunião com os pais e recebi algumas orientações sobre o estágio em si e sobre algumas normas da instituição, nesse dia me senti muito deslocada na sala,

porque não sabia o que fazer e também porque eu estava vestida diferente das outras duas professoras que estavam uniformizadas. As aulas começaram e as duas primeiras semanas de “treinamento” foram bem cansativas e foi muito difícil me adaptar a rotina da sala de aula, eu pensei até em desistir, mas tive forças e continuei. Iniciaram as aulas na faculdade e eu já estava estagiando no Cantinho do saber, conseguir montar minha grade toda pela manhã abrindo mão de algumas disciplinas, hoje não me arrependo de nada do que eu fiz, nem mesmo o fato de ter começado o estágio na escola em que permaneci por dois anos, pois foi ele que me proporcionou uma prática docente que norteou o tema dessa monografia.

O tema dessa monografia surgiu através do projeto 3 pespe 2 onde comecei a ter um contato sólido com o lúdico através do Encanto no Aprender com a professora Carla Castelar e foi exatamente nesse período que eu comecei a enxergar os jogos e as brincadeiras de uma nova maneira atribuindo-lhes maior importância. Nesse projeto desenvolvi algumas aulas envolvendo jogos e brincadeiras na escola em que eu trabalhava como estagiária e tive a enorme oportunidade de poder aplicar as aulas planejadas na turma de Maternal I (2ª fase). Tive boas e más experiências, mas pude ver na prática o que funcionava ou não com as crianças de apenas 2 anos e meio de idade. Pensar em jogos e brincadeiras para desenvolver com eles não foi difícil o problema foi encontrar jogos e brincadeiras voltados para a idade deles e para o desenvolvimento deles. Com esta ideia de estudar os jogos e brincadeiras foi que realizei um trabalho sobre esse tema na realidade da educação infantil, pautado na minha experiência.

## INTRODUÇÃO

Ao tratar-se sobre o tema educação, seus métodos e propostas de ensino, nota-se que as questões pertinentes às brincadeiras no ambiente escolar, configuram-se em fontes generosas tanto de pesquisas, quanto de discussões sobre suas verdadeiras funções e atribuições. Com o desenvolvimento das pesquisas, o brincar passou a ter maior importância dentro da educação infantil e da educação como um todo.

O presente trabalho não vê o jogo pelo jogo, ou seja, não vê o jogo apenas como uma técnica, mas como ferramentas para a aprendizagem e desenvolvimento da criança, sendo utilizado com intencionalidade pedagógica e com objetivos claros que enriqueçam a sua ação, modificando o comportamento do sujeito.

O objetivo geral da pesquisa foi analisar como os jogos e brincadeiras podem contribuir para a prática pedagógica e os objetivos específicos foram identificar a construção de conhecimentos por meio de fundamentação teórica, vivências, confecção de materiais e aplicação de jogos e brincadeiras na Educação Infantil, identificar as possibilidades e os limites do jogo e das atividades lúdicas, observar a interação entre professor-aluno e aluno-aluno por meio do brincar e desenvolver os conceitos da ação lúdica e da sua fundamental importância para os processos de ensino-aprendizagem.

A educação infantil como política pública é bastante recente no Brasil, pois foi somente a partir da promulgação na Constituição Federal de 1988 que a educação da criança de 0 a 5 anos de idade passou a ser considerada como um direito não só da criança, mas também de sua família. Este novo estabelecimento legal propiciou o desencadeamento de políticas públicas a ele relacionadas e gerou novas necessidades estruturais e conjunturais no contexto da educação no Brasil, principalmente, por se tratar de um segmento que necessita de um atendimento diferenciado, pois nessa faixa etária o educar está intimamente ligado ao cuidar.

Mesmo sabendo-se que atualmente apesar de grande parte dos educadores entenderem sobre a importância e o significado das brincadeiras e dos jogos na rotina da criança, encontram-se também aqueles que demonstram grandes dúvidas

quanto a sua utilização como facilitador do processo ensino-aprendizagem. Ao inserir o brincar (brinquedos, jogos e brincadeiras) no ambiente escolar o mesmo deve servir de ferramenta para ação lúdica capaz de propor um aprendizado de maneira mais agradável à criança.

É vergonhoso sabermos que as escolas em geral não acreditam no brincar, ou seja, não acreditam como impulsionador da aprendizagem. Vários educadores trabalham como se a única forma de aprender fosse através da cópia de textos e de exercícios, não enxergam outra maneira de se promover a aprendizagem. O objetivo desse trabalho é justamente modificar esse pensamento, atribuindo uma maior importância ao brincar e aos processos cognitivos que essa ação desenvolve. Sendo assim, as Universidades e Faculdades devem formar profissionais que conheçam a importância de atividades lúdicas dentro e fora da sala de aula.

Ao se inserir os jogos e brincadeiras no planejamento das atividades diárias da educação infantil, o professor abre espaço para o viver, compartilhar experiências e conhecer melhor a realidade, as necessidades, os anseios e frustrações de cada um dos seus alunos. Com o uso dessas ferramentas o professor deve oferecer oportunidades para as crianças desenvolverem as suas potencialidades, sempre estimulando, motivando e respeitando as dificuldades e o tempo de desenvolvimento de cada um.

O interessante é que os jogos e brincadeiras desenvolvidos em sala de aula não tenham como objetivo principal desenvolver a competitividade, atribuindo recompensas aos 'ganhadores', mas que o brincar proporcione a cooperatividade entre as crianças, trabalhando com os mais diversos sentimentos e emoções, como a raiva, medo, alegria, tristeza, nojo e surpresa de forma lúdica e capaz de viver essas emoções na brincadeira, na fantasia e no faz de conta.

## **CAPÍTULO I: EDUCAÇÃO INFANTIL**

### **1.1 A história da educação infantil no Brasil**

No Brasil, o surgimento das creches aconteceu um pouco diferente dos demais países, enquanto que no mundo as creches serviam para as mulheres terem condições de trabalharem nas indústrias, no Brasil, as creches populares serviam não só para atender os filhos das mães que trabalhavam na indústria, como também os filhos das empregadas domésticas. Inicialmente, as creches eram mantidas pelo Ministério da Previdência e Assistência Social e atendiam somente o que se referia à alimentação, higiene e segurança física.

A questão das creches serem assistencialistas e não educacionais fez com que as cuidadoras não necessitassem de formação específica, assim qualquer pessoa poderia ser cuidadora de crianças. Após vários congressos e com a constituição de 88, a Educação Infantil passa a ser vista como necessária e como direito de todos, garantida na Constituição Federal.

A partir daí ela passa a fazer parte da política educacional e insere-se nela uma concepção pedagógica, perdendo assim seu caráter totalmente assistencialista e passando a complementar a ação familiar. Nessa mesma época o Referencial Curricular Nacional para a Educação enfatizou a relação entre o cuidar e o educar e com base nessa relação é que se passou a exigir uma formação docente específica, capaz de não só cuidar como também educar e formar verdadeiros cidadãos, então, a Educação Infantil passou a ser um direito das crianças e um dever do Estado.

Como a Educação Infantil passou a ser integrada a educação básica, passou também a exigir profissionais qualificados para atuarem nessa área, pois tanto as creches como as pré-escolas passaram a ser reconhecidas como espaços educativos. Assim o

[...] profissional que poderia dar conta desta função pedagógica apregoada era sem dúvida o professor, pois além de já possuir um estatuto legitimado de profissional da educação, sua presença crescia em instituições de atendimento à faixa de quatro a seis anos. Por que não trazê-lo para trabalhar com crianças de zero a três anos? Se tanto creches como pré-escolas eram consideradas, na prática, espaços pedagógicos, nada mais natural que o professor fosse o seu agente. (OSTETTO, 1997, p.14).

No século XVII, foi que surgiu a pré-escola na Europa, segundo Abbramovay e Kramer (1985) como reflexo das transformações ocorridas nesse período. Assim como no Brasil surgem com um caráter assistencialista cujo principal objetivo era afastar a criança pobre do trabalho servil que o sistema capitalista impunha naquele momento.

As transformações sociais, econômicas e políticas e a Revolução Industrial contribuíram para a criação de escolas voltadas para a educação das crianças que se iniciou na Europa. A inserção da mulher no mercado de trabalho também contribuiu significativamente para que isso acontecesse, conforme descrito no trecho a seguir:

Na Europa, essas primeiras instituições tinham o propósito de cuidar dos filhos das operárias, e no Brasil não foi diferente. A Inserção da mulher no mercado de trabalho fez surgir os primeiros estabelecimentos de Educação Infantil no país, no final do século XIX. Eles eram filantrópicos até a década de 1920, quando se iniciou um movimento pela democratização de ensino. (Tunes, 2006, p.6)

Kramer (1987) divide o histórico do atendimento à infância no Brasil em períodos. Segundo a autora de 1500 até 1874, foram poucas as ações realmente realizadas; de 1874 a 1899 foram elaborados muitos projetos de grupos particulares como médicos, mas com pouca realização efetiva; de 1899 a 1930, são fundadas instituições e leis são promulgadas quanto à regulamentação do atendimento à infância; e, finalmente de 1930 até 1980 com mudanças na sociedade brasileira que provocam um novo olhar sobre a infância. O atendimento, em cada período histórico deve ser relacionado com a concepção de criança e de sociedade, pois estão intrinsecamente ligados. Como se visualiza no momento atual, a configuração do atendimento à infância tem sido determinada pelos anseios do capital, como pondera Moreira:

Neste novo milênio, o atendimento à infância caracteriza-se por uma “preocupação” mundial; é discutido mundialmente pelas nações e pensa-se em um futuro de forma articulada e movida pelos interesses do capital transnacional. Todavia, a compreensão desse fenômeno se dá com a articulação nas determinações demandadas pela dinâmica da mundialização do capital. (Moreira, 2006, p.22)

O primeiro período, segundo Kramer (1987) é marcado pela pouca preocupação com a criança e seu atendimento. Para se ter uma ideia, até 1874 só institucionalmente a Casa dos Expostos ou Roda para atendimento das crianças abandonadas. No segundo período a preocupação maior foi com a alta mortalidade

infantil que era atribuída ou ao nascimento ou a falta de preparo das mães, por isso as primeiras iniciativas couberam aos médicos-higienistas. A criação de leis também foi importante para que a educação infantil tomasse forma no Brasil, só assim é que poderia ser garantido o direito das crianças.

O terceiro período de 1899 a 1930 apontado por Kramer (1987) é o que demonstra maior atendimento as crianças, se iniciando com isoladas tomadas de iniciativa e prosseguindo com a fundação de diversas instituições, porém particulares.

Muitos educadores também contribuíram significativamente para a educação infantil no Brasil. Dentre eles podemos citar João Amós Comênio, educador de destaque no século XVII e que tinha bastante preocupação com a educação das crianças até seis anos de idade, Elaborou o Plano da escola Materna e organizou sua didática educacional em quatro períodos de seis anos, baseados no desenvolvimento do indivíduo: infância, puerícia, adolescência e juventude. Em sua obra, a Didática Magna, Comênio destaca que

Todos os ramos principais que uma arvore virá a ter, ela fá-los despontar do seu tronco, logo nos primeiros anos, de tal maneira que, depois apenas é necessário que eles cresçam e se desenvolvam. Do mesmo modo, todas as coisas, que queremos instruir um homem para utilidade de toda a vida, deverão ser-lhes plantadas logo nesta primeira escola. (Comênio. p.415)

Aos poucos a sociedade foi atribuindo maior importância a educação infantil. De acordo com Oliveira (2002) a Proclamação da República favoreceu a discussão do atendimento a educação infantil no Brasil.

[...] o projeto social de construção de uma nação moderna, parte do ideário liberal presente no final do século XIX, reunia condições para que fossem assimilados, pelas elites do país, os preceitos educacionais do Movimento das Escolas Novas, elaborados no centro das transformações sociais ocorridas na Europa e trazidos ao Brasil pela influência americana e européia. O jardim-de-infância, um desses “produtos” estrangeiros, foi recebido com entusiasmo por alguns setores sociais. (Oliveira, 2002, p.92)

A Constituição de 1988, que faz referência á educação infantil, para crianças de 0 a 6 anos, afirma que é dever do Estado o “atendimento em creche e pré-escola”. Por lei todas as instituições de educação infantil devem cumprir as normas educacionais nacionais, inclusive os particulares, estando sujeitas, de acordo com o



artigo 209, inciso II, á “autorização e avaliação da qualidade pelo Poder Público”, através da fiscalização e supervisão de oficiais. No art. 227, alterado pela emenda constitucional nº 65 de 2010 diz que:

É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.

A emenda nº 65 de 2010 trouxe uma ampliação ao art. 207, garantindo a criança e ao adolescente o direito á vida, não se admitindo formas negligência, discriminação, violência, crueldade e opressão.

O art. 207, inciso VI, também sofreu modificações pela emenda nº53 de 2006, estabelecendo a garantia da “educação infantil, em creche e pré-escola, às crianças até 5 (cinco) anos de idade”. Essa alteração foi devido ao governo Luís Inácio Lula da Silva que sancionou a Lei 11.114, de 16 de maio de 2005, que estabelece a matrícula dos alunos da Educação Infantil até cinco anos de idade, e na qual o Ensino Fundamental passa a ter a duração de nove anos.

O art. 30 da LDB divide a Educação Infantil sendo oferecida em creches ou entidades equivalentes para crianças de até três anos de idade e pré-escolas para crianças de quatro a seis anos de idade. A partir da implementação do Ensino Fundamental de 9 anos, a Educação Infantil passa a ser estruturada em dois segmentos: creche de 0 a 3 anos e pré-escola de 4 a 5 anos, ou seja, a criança com seis anos de idade já não está mais na educação infantil e sim no ensino fundamental obrigatório segundo o inc. I do Art. 4º da LBD.

O inc. IV do art. 4º da LDB (Lei de Diretrizes e Bases) garante o atendimento da educação infantil em creche e pré-escola às crianças de zero a seis anos de idade. Com isso a educação infantil passa a ser institucionalizada através do ensino regular, ou seja, é atribuída a ela uma maior importância e o Estado assume a responsabilidade de garanti-la gratuitamente. Foi um grande passo conseguir que a educação infantil fosse dever do Estado e, portanto fosse oferecida gratuitamente. O art. 4 inc. IV foi alterado pela Emenda Constitucional de 2006 que modificou o texto do art. 208 da Constituição instituindo o atendimento da educação infantil em creche e pré-escola às crianças de zero **até cinco** anos de idade. (grifo nosso).

No entanto, observa-se que ao longo da história nem sempre foi assim. Durante a história social da criança sabe-se que não havia distinção entre as crianças e os adultos, ou seja, as crianças eram tratadas como se fossem adultos. O sentimento de infância se resumia aos cuidados básicos que ele deveria ter enquanto muito pequena e frágil, mas assim que começava a andar sozinha e desempenhar poucas tarefas já se confundia com os adultos. Em História Social da Criança e da Família, de Philippe Ariés podemos destacar que na velha sociedade tradicional a

Infância era reduzida ao seu período mais frágil [...] era logo misturada aos adultos, e partilhava de seus trabalhos e jogos. De criancinha pequena, ela se transformava imediatamente em homem jovem, sem passar pelas etapas da juventude. Ariés (1981, p.10)

A educação infantil é a base da educação formal de toda a sociedade e por isso o seu descaso durante o seu processo histórico nos leva a pensar em estratégias pedagógicas que busquem solucionar problemas de aprendizagem. O art. 29 da LDB diz que:

A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade. (2010, p.214)

Esse desenvolvimento integral da criança é muito importante não só na educação infantil como também nas outras etapas de ensino, porém nesse período a atenção deve ser maior, a oferta da educação infantil é muito importante para a educação brasileira, principalmente para as mães de baixa renda que precisam deixar seus filhos sobre os cuidados de outra pessoa para que possam trabalhar e assegurar assim as condições mínimas de sobrevivência, as mães de renda alta também possuem essa necessidade, mas por terem condições melhores optam pelas instituições privadas que atendem melhor as exigências dos pais.

A educação infantil de acordo com esse artigo 29 da LDB é integrada a educação básica e como tal, necessita de recursos financeiros para desenvolver-se, ou seja, do Fundeb (Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais de Educação). O atendimento da educação infantil pelo Fundeb também foi um grande avanço para a nossa sociedade tendo

em vista que até 2006 o Fundeb só atendia o Ensino Fundamental nas modalidades regular e especial.

A educação infantil em instituições especializadas busca amenizar os problemas de empobrecimento do universo afetivo, incentivar o aprendizado da convivência em grupo e de alguma forma cobrir as deficiências da família ausente que não tem como assegurar o desenvolvimento integral da criança.

Haddad (2002), ao discorrer sobre o papel das instituições de educação infantil no contexto da sociedade contemporânea afirma que durante muito tempo as creches substituíram o papel da família na vida das crianças. Contudo, não só a escola como também a família devem exercer funções de auxiliar o indivíduo em seu desenvolvimento afetivo, cognitivo, intelectual, moral e espiritual.

O acesso público a educação infantil procura diminuir as desigualdades sociais tendo em vista que as crianças das camadas sociais de renda mais elevada possuem maiores estímulos para desenvolver-se do que as crianças de baixa renda, ocorrendo assim uma efetiva democratização do acesso à educação infantil.

Conhecer o processo de construção da infância e da educação infantil é muito importante, pois isso influenciará diretamente a nossa prática pedagógica, tendo em vista que:

Todas as possibilidades de existência das crianças conhecidas historicamente nos revelam que a maneira como pensamos e propomos o trabalho a ser desenvolvido com a criança é uma decorrência de como concebemos, da clareza ou não que possamos ter do seu papel social (AZEVEDO, 1999, p.37)

Os artigos da Constituição Federal e do ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente) reforçam a LDB quanto ao cumprimento do acesso da criança de zero a cinco anos à Educação Infantil. O Plano Nacional de Educação, no conjunto dos 25 objetivos e metas fixados para a Educação Infantil visam assegurar a qualidade da Educação Infantil através dos recursos financeiros, oferecendo assim a alimentação escolar, a assistência gratuita aos filhos de trabalhadores, a utilização dos 10% dos recursos dos municípios na Educação Infantil e a realização de estudos sobre custo da Educação Infantil com a finalidade de garantir a generalização da qualidade de atendimento. O cumprimento dessas metas é muito importante para a Educação

Infantil, o ideal é que todos tenham os seus direitos atendidos com uma educação de qualidade.

O objetivo maior das creches é alcançar a universalização, a meta do PNE (Plano Nacional de Educação) é que o atendimento em creches atendessem pelo menos 50% das crianças até três anos de idade, infelizmente a meta não foi cumprida atendendo segundo dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) apenas 18,4% desse público. A meta, então, se estenderá para o próximo PNE e o objetivo será atingir a universalização até 2020.

A avaliação dos alunos feita na educação infantil se difere das demais modalidades de ensino tendo em vista o art. 31 da LDB (Lei de Diretrizes e Bases) diz que: “Na educação Infantil a avaliação far-se-á mediante acompanhamento e registro do seu desenvolvimento, sem o objetivo de promoção, mesmo para o acesso ao Ensino Fundamental”. (2010, p. 227).

Compreende-se então, que na Educação Infantil não existe a reprovação, a avaliação não será feita através de provas escritas a respeito de um conteúdo específico para que ocorra uma promoção como acontece no Ensino Fundamental, mas a avaliação consiste no acompanhamento do desenvolvimento e do processo de observação com registro desse desenvolvimento da criança, assumindo um processo nessa fase do desenvolvimento essencialmente qualitativo. Esse acompanhamento do desenvolvimento da criança com registro é muito importante, pois através dele é possível que os pais tenham noção das atividades desenvolvidas e percebam a importância de cada uma delas para o desenvolvimento da criança, seja motor, cognitivo, afetivo ou social. Também é através desse acompanhamento com registro que os pais vão descobrindo as dificuldades e os avanços de seus filhos, podendo assim contribuir para esse processo, cujo objetivo não é o da promoção, mas o de acompanhar as dificuldades e superações ocorridas.

Atualmente a Educação Infantil não é realidade de todas as crianças, algumas iniciam o Ensino Fundamental sem nunca terem frequentado a pré-escola. A Educação Infantil é importante, porque, segundo a UNESCO (Organizações das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura), em seu Relatório sobre a Educação para o século XXI “as crianças que se beneficiam da educação pré-escolar têm uma disposição mais favorável em relação á escola e correm menos risco de abandonar prematuramente do que as que não tiveram esta oportunidade”. (1998, p.129).

## 1.2 A relação Cuidar e Educar

Inicialmente, a Educação Infantil possuiu um caráter puramente assistencialista, com o objetivo de sanar as supostas falhas e carências das crianças e de suas famílias, com o foco nas famílias pobres.

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI) esclarece sobre a importância de que as instituições públicas de Educação Infantil se libertem por assim dizer, da ideia de que são escolas para pobres e que somente o cuidar seja oferecido. As orientações do RCNEI dizem que:

Constituir-se em um equipamento só para pobres, principalmente no caso das instituições de educação infantil, financiadas ou mantidas pelo poder público significou em muitas situações atuar de forma compensatória para sanar as supostas faltas e carências das crianças e de suas famílias. A tônica do trabalho foi pautada por uma visão que esquematizava a população de baixa renda. Nessa perspectiva, o entendimento era entendido como um favor oferecido para poucos, selecionados por critérios excludentes. A concepção educacional era marcada por características assistencialistas, sem considerar as questões de cidadania ligadas aos ideais de liberdade e igualdade. Modificar essa concepção de educação assistencialista significa atentar para várias questões que vão muito além dos aspectos legais. Envolve, principalmente, assumir as especificidades da educação infantil e rever concepções sobre a infância, as relações entre classes sociais, as responsabilidades da sociedade e o papel do Estado diante das crianças pequenas. (BRASIL, 1998, p. 18, v.1).

Atualmente, a Educação Infantil não possui unicamente o caráter assistencialista, mas possui o objetivo de educar, de estimular a criança com relação ao aprendizado, além de oferecer os cuidados essenciais para o desenvolvimento da mesma, que são cuidados referentes à proteção, saúde, alimentação, afeto, interação, estimulação, segurança e brincadeiras que possibilitem a exploração e a descoberta.

Nas últimas décadas tem-se discutido muito sobre a necessidade das instituições de Educação Infantil de incorporarem de maneira integrada as funções de educar e cuidar, pois ambos são igualmente importantes para o desenvolvimento da criança no que diz respeito aos aspectos sociais, emocionais, cognitivos, físicos e afetivos da criança, levando em consideração o meio em que vivem. O PCN da Educação Infantil volume I nos diz que:

Educar significa propiciar situações de cuidados, brincadeiras e aprendizagens orientadas de forma integrada e que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis de relação interpessoal, de ser e estar com os outros em uma atitude básica de aceitação, respeito e confiança, e o acesso, pelas crianças aos conhecimentos mais amplos da realidade social e cultural.

A Educação Infantil possui um papel socializador, que pretende trabalhar com a diversidade e com elementos da cultura que enriquecem o seu desenvolvimento.

Segundo Maria de Fátima Guerra de Sousa, a ideia de que as propostas de educação trazem si certas “concepções de vida”, a filosofia predominante, e um conjunto de valores de sua época e contexto, não é nova. Se analisarmos um famoso documento dos anos de 1930 o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, veremos que ela está bem explicitada nele. Nele também se fala nas divergências de pensamentos sobre o sentido da educação. Essas divergências giram em torno da “concepção do mundo”, e daquilo que se entende como “o que convém fazer adotar ao educando e sobre o que é necessário considerar como qualidade socialmente útil”. O referido Manifesto diz que:

A questão primordial das finalidades da educação gira, pois, em torno de uma concepção da vida, de um ideal, a que devem conformar-se os educandos, e que uns consideram abstrato e absoluto, e outros, concreto e relativo, variável no tempo e no espaço. Se a educação, de um modo em geral, reflete sempre as condições gerais da sociedade, sua base estrutural, filosófica, histórica, valorativa e ética.

Ao pensarmos em educação idealizamos aquilo que deve ser o presente e o futuro da humanidade. É por meio da educação de forma intencional e determinado que se busca construir o mundo idealizado. De acordo com Maria de Fátima Guerra de Souza “fundamentar a educação é, pois, compreender/estabelecer as bases do processo que está alicerçando a sua filosofia, os valores e a ética dessa construção.” (2007, p.12).

O cuidado deve ser compreendido como parte integrante da educação, não só na Educação Infantil, mas nas demais aplicações de ensino. O cuidado exige conhecimentos e habilidades que extrapolam a dimensão pedagógica, não é apenas um cuidado físico, mas também um cuidado afetivo-emocional. A base do cuidado é compreender como ajudar o outro a se desenvolver como humano, significa valorizar e ajudar a desenvolver capacidades.

A criança necessita do cuidado familiar e do cuidado escolar, em alguns casos existe a ausência total ou parcial do cuidado familiar e isso pode ser percebido em diversas situações escolares. Decorre que,

[...] a participação das famílias na creche, se reduz ao espaço de reunião de pais. Isso evidencia que a compreensão do que é participar parece restringir-se a „vir quando são chamados“ pela instituição, o que revela a inexistência de um espaço mais efetivo e cotidiano de inclusão no contexto da creche (MAISTRO apud FERMINO, 2002, p.28).

O tempo todo, as crianças dão pistas do que querem ou do que estão sentindo, por mais que elas ainda não falem de forma clara e com o domínio da linguagem, por isso o educador deve estar atento as necessidades da criança e deve priorizá-las, atendendo-as de forma adequada. O PCN da Educação Infantil nos diz que:

O cuidado, precisa considerar as necessidades da criança, que quando observadas, ouvidas e respeitadas, podem dar pistas importantes sobre a qualidade do que estão recebendo.

Ainda no PCN, observa-se que a Educação Infantil com relação às crianças de zero a seis anos, deve incentivar a comunicação e expressão dos desejos das crianças, através das brincadeiras e de ações do cotidiano. É extremamente importante que a criança se comunique, pois desta maneira é que saberemos os seus desejos e vontades, que muitas das vezes se encontram ocultas as pessoas que a cercam.

## CAPÍTULO II: JOGOS E BRINCADEIRAS INFANTIS

### 2.1 Conceituação de Jogos e Brincadeiras

“Brincar, para a criança, é tão vital quanto comer e dormir”, Pagani.

A criança ao nascer tem um desejo insaciável de brincar, é como se ela entendesse que o mundo foi feito para ela brincar e se divertir, sendo assim, para ela o brincar é uma ação de experimentar o mundo.

O brincar é tão importante para a criança que nela ela gasta energias, expande a criatividade, se socializa, desenvolve novas experiências, etc. A infância é permeada pelas brincadeiras. É por meio delas que as crianças satisfazem grande parte dos seus desejos e interesses particulares. Garcia e Marques explicam que “o aprendizado da brincadeira, pela criança, propicia a libertação de energias, a expansão da criatividade, fortalece a sociabilidade e estimula a liberdade do desempenho”. (1990, p.11).

O brincar prepara para a vida, proporciona liberdade de ação e prazer, possibilita repetição de experiências e atua na realização simbólica de desejos. No jogo não existe apenas diversão, mas aprendizado significativo em alguns deles, nem todo jogo é lúdico porque muitos deles são permeados por interferências, porém todo jogo é um recurso didático. Segundo Huizinga,

o jogo é uma atividade voluntária que possui certas regras livremente consentidas, mas absolutamente obrigatórias dotadas de fim em si mesmo. Alguns jogos são baseados nas atividades cotidianas, transmitidos de geração em geração, com um caráter valioso, como por exemplo, a brincadeira de casinha.

O lúdico e o brincar não se restringem apenas a criança, pois ambos estão presentes na vida de todo ser humano, fazendo parte, de todas as faixas etárias. Pode-se entendê-los como algo que tem o sentido de divertimento, descontração, estando muito presentes na infância e de maneira distinta na vida adulta, pois na última o que muda são as brincadeiras. De acordo com Pereira,

[...] a palavra lúdico vem de *ludus*, de origem latina, derivada de *ludere*, que segundo Huizinga (1993:41), tem o sentido de ‘ilusão’ e de ‘simulação’. Além disso, ela significa aquela capacidade do ser humano de dar outro sentido a uma situação, uma ação ou um objeto. (2002, p.8).



Embora o lúdico e o brincar estejam presentes na vida adulta, centra-se, aqui, na criança, abordando o lúdico especificamente na infância, tendo em vista que os jogos e brincadeiras contribuem para o desenvolvimento da criança.

Mas por que podemos considerar o lúdico como espaço para pensar e aprender? Porque o jogo “potencializa a exploração e a construção do conhecimento, por contar com a motivação interna, típica do lúdico” (Kishimoto, 1997). O jogo é uma forma divertida de aprender, criando no sujeito um desejo de continuar aprendendo, como ocorre em muitos jogos onde as crianças, por estarem se divertindo, não querem parar de jogar.

Tanto os jogos como as brincadeiras têm uma dimensão lúdica, porém não é tão simples defini-los. Há uma diversidade de conceituação e utilização dos termos: lúdico, brincadeira, brinquedo e jogo. Alguns teóricos os utilizam como sinônimos, enquanto outros os diferenciam apontando a especificidade de cada um e suas inter-relações. Conforme Kishimoto (2000, p.17), “No Brasil, termos como jogo, brinquedo e brincadeira ainda são empregados de forma indistinta, demonstrando um nível baixo de conceituação deste campo”. A autora também coloca que não é fácil definir ‘jogo’, uma vez que essa palavra possui vários significados, podendo ter um significado diferente para cada pessoa. Kishimoto traz exemplos de sentido que o jogo pode ter, como jogo político, jogo de futebol, jogo de baralho e de xadrez. A questão cultural também precisa ser levada em conta tendo em vista que, de acordo com a autora, “uma mesma conduta pode ser jogo ou não-jogo em diferentes culturas, dependendo do significado a ela atribuído.” (KISHIMOTO, 2000, p.15).

Santa Marli Pires dos Santos (2010) nos diz que mais importante do que o sentido que cada um atribui ao brincar é o reconhecimento da sua importância para o desenvolvimento humano. Por isso a necessidade de que ele “invada” os espaços educativos. Segundo ela, para alguns teóricos o brincar não possui regras pré-estabelecidas, a negociação acontece ao mesmo tempo em que se brinca. Diferentemente do brincar, no jogo existem regras pré-estabelecidas antes de brincar. O lúdico é a ação voltada para o prazer, vai além dos recursos que se têm e não está presente apenas nas vitórias, podendo também ocorrer nas derrotas. E o brinquedo é um objeto que convida ao brincar, necessitando que um grupo da

sociedade lhe de sentido e significado, por isso o brinquedo é cultura. Segundo Kishimoto,

O vocábulo “brinquedo” não pode ser reduzido á pluralidade de sentidos do jogo, pois conota criança e tem uma dimensão material, cultural e técnica. Enquanto objeto, é sempre suporte de brincadeira. É o estimulante material para fazer fluir o imaginário infantil. *E a brincadeira?* É a ação que a criança desempenha ao concretizar as regras do jogo, ao mergulhar na ação lúdica. Pode-se dizer que é o lúdico em ação. Desta forma *brinquedo e brincadeira relacionam-se diretamente com a criança e não se confundem com o jogo.* (KISHIMOTO, 2000, p.21)

Para Vygotsky (1989) é errado definir o brinquedo como uma atividade prazerosa para a criança, porque existem atividades que dão experiências de prazer muito mais intensas que o brinquedo e porque existem jogos que a própria atividade não é agradável, no entanto, ele preenche as necessidades da criança, que inclui tudo aquilo que é motivo para a ação, essas necessidades devem ser satisfeitas imediatamente quando a criança é muito pequena, porém na idade pré-escolar surgem às necessidades que não podem ser realizadas de imediato, aí entra o brinquedo que aparentemente surge quando a criança passa a experimentar tendências irrealizáveis.

O brinquedo pode ser tanto uma fonte de prazer quanto de desprazer, sendo determinado pelo resultado, a derrota, por exemplo, pode ser uma fonte de desprazer para a criança. A ação realizada com o brinquedo decorre da imaginação da criança, dentro de um sistema de regras que tem origem na própria imaginação, essas regras irão determinar o comportamento da criança em relação ao brinquedo. (Santa Marli Pires dos Santos, 2010, p.12).

O brinquedo exerce uma enorme influência no desenvolvimento da criança, visto que com a ação do brincar a criança aprende, experimenta situações, organiza suas emoções, constrói autonomia de ação etc. A criança age sobre o brinquedo de acordo com motivações e tendências internas, descartando os incentivos fornecidos pelos objetos externos, sendo assim, ela não aprende através de uma esfera visual externa, mas ela aprende através de uma esfera cognitiva. A percepção imediata da criança sobre o brinquedo não irá determinar totalmente a sua ação sobre ele, pois ela agirá de acordo com o significado que ela possui sobre determinada situação. O

comportamento da criança no dia-a-dia é diferente do comportamento que ela exerce sobre o brinquedo, tendo em vista que na vida real a ação domina o significado e no brinquedo o significado domina a ação, portanto não se pode dizer que o brinquedo é um protótipo do cotidiano da criança.

Difícilmente quando vamos à escola vemos as crianças brincando, o brincar se limita a um tempo determinado, a hora mais esperada por todas as crianças que ficam ansiosas por esse momento. Infelizmente, não tem sido atribuído ao brincar a importância que ele merece, muitos educadores e pais veem no brincar uma ocupação para o ócio. O brincar não é desprovido de aprendizagem, é uma ação extremamente catártica que proporciona múltiplos aprendizados. Para Piaget (1975),

(...) o jogo é um caso típico das condutas negligenciadas pela escola tradicional, dado o fato de parecerem destituídas de significado funcional. Para a pedagogia corrente, é apenas um descaso ou o desgaste de excedente de energia. Mas esta visão simplista não explica nem a importância que as crianças atribuem aos seus jogos (...). A criança que joga desenvolve suas percepções, sua inteligência, suas tendências à experimentação, seus instintos sociais etc. (p.158)

Segundo Idalmara Ignachewski os jogos classificam-se em jogos com predomínio da fantasia infantil e jogos com predomínio de regras, segundo ela:

Os primeiros jogos da criança pertencem à primeira categoria e são estes que vamos encontrar com maior frequência no caso da criança pré-escolar. Os jogos com predominância de regras envolvem conteúdos e ações preestabelecidos que regularão a atividade da criança e são encontrados progressivamente à medida que as crianças vão crescendo. (2003, p. 83)

## **2.2 Brincadeira e cultura**

Segundo Idalmara Ignachewski, na infância o brincar é para a criança uma atividade seria à medida que ela mobiliza atividades intelectuais e afetivas para a sua realização. Na brincadeira o motivo está no próprio processo, ou seja, o que motiva a criança é a atividade em si. Além disso, é através dos jogos e brincadeiras que a criança aprende a conhecer a si e as outras pessoas que estão a sua volta, as relações e os papéis que cada um assume. Em alguns casos, as crianças até imitam o papel dos pais, tios, professores, médicos etc, ou seja, elas imitam aquilo que conhecem.

As interações são fundamentais para que ocorra o desenvolvimento e aprendizagem da criança. Não só as interações com os adultos, mas principalmente com as outras crianças, ou seja, a socialização, o convívio e o envolvimento com outras crianças contribuem significativamente para o desenvolvimento e aprendizagem da criança. Segundo Idalmara Ignachewski,

As crianças aprendem muito mais umas com as outras, pois as leva a confrontarem os seus pontos de vista e suas informações, a argumentar e negociar para chegar a um acordo. As crianças incapazes de resolver uma situação-problema sozinhas aprendem como fazê-lo ao trabalhar conjuntamente. (2003, p.84)

Considera-se aqui a perspectiva histórico-cultural de Vygotsky. O ser humano está inserido em um determinado momento histórico e em uma cultura. Sendo assim, o brincar e a cultura estão intrinsicamente relacionados uma vez que a cultura fornece os preceitos para a brincadeira, pois ela é tida como prática e produto cultural. Apesar das brincadeiras possuírem uma especificidade cultural, suas formas de brincar são reconhecidas universalmente, muitas já existiam desde a antiguidade e são por isso consideradas como patrimônio cultural da humanidade. O brincar além de ser uma ação cultural é uma ação de aprendizagem, que promove a interação entre os sujeitos (que não ocorrerá com a mesma qualidade). A brincadeira está inteiramente ligada ao contexto histórico vigente, sendo que uns possuem mais acesso a ela do que outros.

São várias as brincadeiras que existem e que são realizadas em diferentes contextos socioeconômicos, porém essas brincadeiras possuem um denominador comum: universalidade e diversidade. São universais porque estão presentes em todos os lugares e diversas porque se camuflam de acordo com o lugar e com a situação vivente, são tradições culturalmente transmitidas de geração em geração, considerando a criança como agente ativo de transmissão, elaboração e recriação de cultura.

Como a brincadeira está relacionada a cultura é importante mencionar as brincadeiras tradicionais infantis que se originam em outras gerações e se perpetuam. Segundo Mello,

De acordo com a teoria histórico-cultural, o lugar ocupado pela criança nas relações sociais de que participa é força motivadora de seu desenvolvimento

e esse lugar é justamente determinado pela concepção que os adultos têm acerca da criança e de seu desenvolvimento, pois o adulto é quem se aproxima da criança, apresenta o mundo da cultura para ela e cria nela necessidades, interesses e motivos, de acordo com a experiência que vai proporcionando para a criança. (2004, p.153).

Os jogos tradicionais possibilitam momentos especiais entre pais e filhos, avó e netos e etc. Infelizmente, a participação dos pais nas atividades escolares dos filhos e no seu lazer, tem sido pouca e em alguns casos nenhuma, isso prejudica a transmissão dos jogos e brincadeiras tradicionais, mas graças à participação de alguns pais é possível notar que as crianças ainda brincam as mesmas brincadeiras que seus avós brincavam, desenvolvendo a sua criatividade no momento de adaptar as brincadeiras tradicionais as condições atuais. O brincar traz consigo uma carga de valores étnico-morais, culturais que podem tanto ajudar como atrapalhar o seu desenvolvimento. Kishimoto contribui com um conceito muito importante sobre jogos tradicionais, ressaltando que eles fazem parte da cultura popular e que são cheios de significado, refletindo aspectos espirituais de um povo em determinado período histórico.

## CAPÍTULO III: JOGOS E BRINCADEIRAS NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL

### 3.1 A aprendizagem e o desenvolvimento

Para compreender melhor o significado de aprendizagem e seus diversos processos e contextos, é importante conhecer o significado da palavra aprender que, derivada do latim *aprehendere*, significa agarrar, pegar, apoderar-se de algo. Segundo Ana Ignez Belém e Rosemary do Nascimento Silveira,

Aprender traz consigo a possibilidade de algo novo incorporado ao conjunto de elementos que formam a vida do indivíduo relacionando-se com as mudanças do conhecimento que ele já possui. Traz também a perspectiva de algo específico para cada pessoa, ou seja, ninguém aprende pelo outro, assim como ninguém aprende da mesma forma. (2011, p.11).

Desenvolvimento, segundo Cláudia Davis e Zilma de Oliveira (1994), é o processo através do qual o indivíduo constrói ativamente, nas relações que estabelece com o ambiente físico e social, suas características, ou seja, é um processo construtivo. A Educação Infantil tem um enorme papel no desenvolvimento infantil, principalmente porque abrange os primeiros anos de vida, é nessa etapa de ensino que a criança interage com o mundo, com todos os que a cerca e com ela mesma, sendo caracterizado por um período de descobertas.

Para que se pudesse compreender como a criança se desenvolve, Wallon propôs estágios de desenvolvimento denominados como:

- Impulsivo-emocional: nesse período que vai do recém-nascido até a criança com dois anos de idade predomina a afetividade;
- Sensório motor projetivo: nesse período que vai dos 2 aos 4 anos de idade, predomina o desenvolvimento dos movimentos, como o pegar, o andar e o deslocamento no espaço;
- Personalista: esse período surge por volta dos 4 anos de idade e é caracterizado por um intenso negativismo da criança

- Categorical: esse período se dá a partir dos 7 anos de idade e é caracterizado pelo domínio cognitivo, que oferece as bases para que se desenvolvam as ações mentais de explicar, definir e diferir objetivamente o mundo.

Percebo que essa classificação do desenvolvimento empregada por Wallon não se aplica totalmente na prática, a relação que ele faz com as características e as fases de desenvolvimento são muito interessantes, porém pode ser que não aconteça uma relação direta das fases do desenvolvimento com a idade que ele aponta, por exemplo, algumas crianças que eu trabalho apesar de terem menos de três anos já estão na fase personalista, ou seja, na fase da negação, portanto é praticamente impossível de se definir a idade que a criança terá quando atingir determinada fase do desenvolvimento.

Para Piaget o conhecimento é construído na relação do homem com os objetos, não estando pronto nem no sujeito (na carga genética), nem no meio (no objeto). Por isso, sua teoria é denominada Construtivismo. O conhecimento não está pronto antes da relação do homem com o meio, mas é construído nessa relação. Em suas investigações ele elegeu uma pergunta central: Como é possível alcançar o conhecimento, ou seja, como se passa de um menor conhecimento para um mais avançado? Foi a partir de então que Piaget estudou os diferentes níveis de desenvolvimento (intelectual e afetivo) vivenciados pelo ser humanos. Segundo ele,

A evolução do conhecimento é um processo contínuo, construído a partir da interação ativa do sujeito com o meio (físico e social). O desenvolvimento humano passa por estágios sucessivos de organização do campo cognitivo e afetivo, que vão sendo construídos em virtude da ação da criança e das oportunidades que o ambiente possibilita à mesma. (apud, p.86)

E foi nessa perspectiva de estágios sucessivos que Piaget criou os estágios de desenvolvimentos, são eles:

- Período sensório-motor (0 a 2 anos): o desenvolvimento ocorre a partir da atividade reflexa para a representação e soluções sensório-motoras dos problemas, ou seja, é o período da inteligência prática anterior a linguagem;
- Período Pré-Operacional (2 a 7 anos): aqui o desenvolvimento ocorre a partir da representação sensório-motora para as soluções de problemas e segue

para o pensamento pré-lógico. Inicia-se o período de socialização da criança e a linguagem, antes ausentes;

- Período Operacional Concreto (7 a 11 anos): O desenvolvimento vai do pensamento pré-lógico para as soluções lógicas de problemas concretos;
- Período de Operações Formais (11 a 15 anos): A partir de soluções lógicas de problemas concretos para as soluções lógicas.

Cada período estabelece as bases para os demais. Assim, um é pré-condição para alcançar o outro. Cada estágio é então marcado pela aparição de estruturas mentais originais e distintas, ou seja, a aquisição de um novo conhecimento implica uma reorganização das estruturas mentais já existentes.

De acordo com Piaget, quando a criança usa os saberes e as possibilidades que já tem para tentar superar um desafio ou enfrentar um problema, ela está realizando o que ele chama de assimilação do objeto, podendo incorporar esse objeto a esquemas mentais já existentes no sujeito, mesmo que esse conhecimento prévio não seja suficiente para dar conta da nova situação.

Por outro lado, quando o sujeito se modifica em função do movimento assimilador, tendo em vista superar o desafio que o novo objeto traz, denomina-se acomodação, ou seja, ocorre a transformação de seus esquemas mentais, afim de que possa incorporar este novo objeto (do conhecimento). Para Piaget, a soma dos processos de assimilação (incorporação dos objetos ao eu) e acomodação (transformações do eu em função dos objetos) denomina-se adaptação.

Para Piaget a relação do sujeito com os objetos do mundo físico é uma relação de equilíbrio. Isto quer dizer que o processo de conhecer tem início com o desequilíbrio entre o sujeito e a sua realidade. Os objetos apresentam um problema ou desafio para o sujeito, gerando um desequilíbrio. Este desequilíbrio leva o sujeito a agir sobre o objeto com o propósito de restabelecer o equilíbrio. Na verdade, a estabilização nunca é definitiva, pois o mundo está sempre em mudança e sempre apresentando novos objetos, novos desafios.

Piaget contribuiu significativamente para a educação com os seus conceitos de assimilação, acomodação, adaptação e equilíbrio. Todos esses processos se aplicam a Educação Infantil, porque fazem parte do desenvolvimento das ações do



sujeito, principalmente nos primeiros anos de vida onde a criança assimila vários objetos o tempo todo. Baseado no construtivismo, Piaget acreditava que o conhecimento adquirido pelo sujeito é resultado da interação que ele tem com o meio em que vive, portanto ele atribui grande importância aos processos de interação do sujeito com o mundo.

Para Piaget, o jogo é essencial para a criança, pois com ele a criança permanece no processo de assimilação e se apropria daquilo que percebe da realidade. Piaget classificou os jogos como sendo sensório-motor, simbólico e de regras. O sensório-motor consiste na repetição de gestos e movimentos simples como agitar os braços, sacudir objetos, emitir sons, caminhar, pular, correr. O jogo simbólico, segundo Piaget, consiste em satisfazer o eu por meio de uma transformação do real em função dos desejos, ou seja, o objeto perde seu valor em si e passa a estar em função daquilo que a criança representa no momento. O jogo de regras é caracterizado pela existência de um conjunto de leis imposto pelo grupo, sendo que seu descumprimento é normalmente penalizado, e uma forte competição entre os indivíduos.

Vygotsky diferentemente de Piaget, não sugere estágios ou etapas através dos quais a criança vai progredindo. Seu olhar para o desenvolvimento não obedece a uma linha reta que vai do mais simples ao mais complexo, pois não há um nível ideal a atingir. Ele pensa na existência de diferentes processos ao mesmo tempo. Desta forma, a criança está mergulhada no universo simbólico e na linguagem desde que nasce. A criança não passa a ser social com o desenvolvimento. É um ser social desde que nasce e, ao longo do desenvolvimento, vai negociando os significados dos objetos e das palavras com os parceiros de seu contexto cultural. De acordo com o autor, a imitação tem um papel crucial no desenvolvimento. A criança só consegue imitar aquilo que está na sua zona de desenvolvimento proximal e aos poucos esse conhecimento “imitado” vai se tornando dela. Para ele a aprendizagem impulsiona o desenvolvimento, ou seja, o aprendizado que a criança adquire é essencial para o seu desenvolvimento, ambos, aprendizagem e desenvolvimento, caminham juntos no processo de aquisição de conhecimento.

Para Vygotsky, é muito importante o papel do outro para o desenvolvimento, seja esse outro uma criança ou um adulto. Ele criou concepções de desenvolvimento

denominadas zona de desenvolvimento real (como sendo aquilo que a criança realiza sozinha), a zona de desenvolvimento potencial (como o que ela faz com a ajuda), e zona de desenvolvimento proximal (como sendo a distância entre o nível real e potencial).

O papel da Educação Infantil é contribuir para que a criança desenvolva a zona de desenvolvimento proximal, ou seja, é fazer com que as crianças desenvolvam suas capacidades, a Educação Infantil servirá então de estímulo para o desenvolvimento da zona proximal. Para ele, o lúdico influencia no desenvolvimento da criança. É através do jogo que a criança aprende a agir, é estimulada a ter curiosidade, adquire iniciativa e autoconfiança, proporciona o desenvolvimento da linguagem, do pensamento e da concentração.

Pode-se refletir com base nas ideias de Vygotsky ao definir a Zona de Desenvolvimento Proximal sobre a brincadeira no que se refere à participação do adulto enquanto alguém que pode estimular e ajudar a criança no processo do brincar junto com ela contribuindo para o seu desenvolvimento. De acordo com a definição de Zona de Desenvolvimento Proximal, um outro com mais conhecimento auxilia no desenvolvimento potencial do sujeito, infere-se então que esse outro possa ser o adulto que durante a brincadeira pode cooperar para maior desenvolvimento das potencialidades dela. Segundo Cunha,

A participação do adulto no jogo da criança eleva o nível de interesse, pelo enriquecimento que proporciona; pode também contribuir para o esclarecimento de dúvidas referentes às regras do jogo. (...) A criança sente-se ao mesmo tempo prestigiada e desafiada quando o parceiro da brincadeira é um adulto. Este, por sua vez, pode levar a criança a fazer descobertas e a viver experiências que tornam o brinquedo mais estimulante e mais rico em aprendizado. (1988, p.10).

O adulto acima descrito pode ser entendido como sendo os próprios pais e/ou o professor, que devem mediar a relação entre o jogo e a criança.

### 3.2 Jogos e Brincadeiras na escola

Para se entender a atuação dos jogos e brincadeiras na escola é importante destacar uma visão atualizada do conceito brincar. Segundo Santa Marli Pires dos Santos,

O que se pode dizer é que o “jogo” significa a ação lúdica e não somente a ideia de regras ou competição. Assim, o jogar ou brincar são ações lúdicas que se fundem e confundem. Neste sentido, em educação, as expressões “brincadeira, jogo e dinâmica” guardam os mesmos significados, pois são ações lúdicas que preservam as mesmas as qualidades e seguem os mesmos padrões de entendimento. (2010, p.11).

Então, de acordo com esse conceito, no espaço escolar não irá existir uma diferença de significado entre jogo, brincadeira e lúdico, considerando o lúdico como ação que engloba o brincar. O lúdico nada mais é o do que uma estratégia de aprendizagem que visa uma forma diferenciada de aprender, portanto essa estratégia deve ser utilizada pela escola de maneira que não se restrinja unicamente ao momento da recreação, mas que se expanda aos conteúdos curriculares.

Percebe-se que muitas das vezes o lúdico é oferecido na escola dissociado do contexto do aluno e de qualquer tipo de aprendizagem, ou seja, são realizados sem que exista uma intencionalidade pedagógica e isso prejudica o reconhecimento do brincar como impulsionador da aprendizagem. Assim para Kishimoto,

Quando as situações lúdicas são intencionalmente criadas pelo adulto com vistas a estimular certos tipos de aprendizagem, surge a dimensão educativa. Desde que mantidas as condições para a expressão do jogo, ou seja, a ação intencional da criança para brincar, o educador está potencializando as situações de aprendizagem. (2000, p.36)

É importante que se valorize o brincar, porque este é essencial para a vida, desde a infância até a velhice, é uma atividade livre para o aluno, mas não para o professor, porque o professor ao planejar a atividade possui um objetivo de aprendizagem que exige que ele observe todo o processo do brincar e faça as alterações necessárias para alcançar o seu objetivo, não dando tanta importância ao

resultado do brincar, mas a maneira como ele acontece, ou seja, o mais importante não é o resultado, mas o processo.

O brincar deve ser planejado de forma que se alcance uma aprendizagem significativa, que é aquela em que o sujeito atribui novas experiências as experiências que ele já havia tido anteriormente, a ação lúdica possui uma intencionalidade educativa que varia de acordo com o seu mediador e o papel do mediador é planejar a brincadeira visando uma maneira diferente de se aprender e o papel da escola é incentivar as formas inovadoras de aprendizagem, pois assim ela estará cumprindo o seu papel de ensinar e educar.

A escola é uma instituição que trabalha com a educação de uma forma mais sistematizada. Porém, não se pode desconsiderar os conhecimentos que o aluno já traz consigo. O sujeito, então, não será apenas um receptor de conhecimentos, mas ele será um sujeito ativo no processo. Desta maneira, o educador deve considerar as suas potencialidades e contribuir para o desenvolvimento da sua autonomia e criticidade.

É importante que se tenha o brincar livre, mas principalmente o brincar com intencionalidade pedagógica, que irá contribuir para o desenvolvimento da criança, sendo que o brincar livre também contribui para o desenvolvimento, mas é o brincar com intencionalidade pedagógica que possibilita ao educador perceber e observar as limitações e potencialidades do educando. “Por isso, a brincadeira na escola nunca será totalmente livre, pois essa liberdade é única e exclusivamente da criança e, por conseguinte, não do educador.” (Santos, 2010, p.16).

Não é aceitável que as crianças e adolescentes tenham que escolher entre o apreender dentro da instituição de ensino e o brincar voltado para uma atividade prazerosa, sendo que ambos podem se entrelaçar, criando desta forma um prazer em aprender. A atividade lúdica assemelha-se ao brincar por ser uma atividade livre, criativa, que influencia no domínio lógico e infra lógico, ou seja, no desenvolvimento do raciocínio. O professor deve planejar a sua aula de maneira que a atividade lúdica não fuja do seu objetivo, pois ela possui uma intenção pré-definida pelo sujeito. É importante salientar que intenção primordial deve ser a de inclusão social, priorizando assim as atividades cooperativas ao invés das competitivas.

O professor então não pode destruir esse desejo de brincar que há na criança, através de aulas rotineiras e teóricas, sem a presença de brincadeiras e jogos, o professor deve ser o mediador entre a criança e o jogo educativo, ele deve ser afetivo, criativo, espontâneo e não um ditador.

O jogo também propicia um retorno ao professor, pois ele ensina como o seu aluno aprende, se relaciona, levanta hipóteses, se expressa, o jogo na verdade identifica um manancial de informações sobre a vida intelectual, social e afetiva de quem aprende. De acordo com Cunha,

Através da observação do desempenho das crianças com seus brinquedos podemos avaliar o nível de seu desenvolvimento motor e cognitivo. Dentro da atmosfera lúdica, manifestam suas potencialidades e, ao observá-las, poderemos enriquecer sua aprendizagem, fornecendo, através dos brinquedos, elementos nutrientes para seu desenvolvimento. (1988, p.11).

O jogo também atua como suporte do desenvolvimento e da aprendizagem de diversos fatores, sejam eles emocionais, educativos, psicológicos e cognitivos. O brincar desenvolve a imaginação e a criatividade, duas coisas importantíssimas para o aprendizado significativo do sujeito. O brincar tem então, um relevante papel na educação escolar.

## **CAPÍTULO IV: METODOLOGIA**

A pesquisa em Literatura, Linguística, Filologia, Pedagogia e ciências humanas de modo geral exige a aplicação de metodologia e técnicas apropriadas.

A perspectiva adotada neste trabalho diz respeito ao paradigma qualitativo, tendo em vista que essa abordagem é muito relevante no que se buscou estudar, que é a importância de jogos e brincadeiras no desenvolvimento infantil.

A definição de pesquisa qualitativa dada por Gonsalves (2005) diz que é aquela que “preocupou-se com a compreensão, com a interpretação do fenômeno, considerando o significado que os outros dão as suas práticas.” (GONSALVES, 2005, p.68).

A pesquisa baseia-se nas observações em uma escola particular que atende crianças de classe média a classe média alta, de forma a ter uma melhor compreensão e conhecimento do contexto vivenciado pelas crianças a serem analisadas. Portanto, o método utilizado é o da observação.

O método observacional, fartamente utilizado, embora considerado impreciso, é aquele que oferece grau mais elevado de precisão nas ciências sociais; por isso, é considerado um dos mais atuais (GIL, 2007). Difere do método experimental pelo fato do pesquisador não tomar iniciativa para que algo ocorra; estuda algo já ocorrido ou acontecendo. (Siena, 2007, p. 58).

O procedimento usado foram aulas previamente preparadas com o foco nos jogos e brincadeiras como práticas pedagógicas. As aulas foram ministradas em dias diferentes da semana, cada uma obtendo um tema, com crianças de 2 e 3 anos de uma escola particular, totalizando 15 crianças. As atividades não ocupavam o período total de aula, apenas algumas horas eram reservadas para o seu exercício. Desenvolvi as atividades na mesma sala que eu trabalhava como estagiária, construindo um diário de campo com todas as informações pertinentes ao trabalho desenvolvido em sala de aula.

O objetivo geral da pesquisa foi analisar como os jogos e brincadeiras podem contribuir para o desenvolvimento infantil e os objetivos específicos foram identificar

a construção de conhecimentos por meio de fundamentação teórica, vivências, confecção de materiais e aplicação de jogos e brincadeiras na Educação Infantil, identificar as possibilidades e os limites do jogo e das atividades lúdicas, observar a interação entre professor-aluno e aluno-aluno por meio do brincar e desenvolver os conceitos da ação lúdica e da sua fundamental importância para os processos de ensino-aprendizagem.

#### **4.1 Caracterização do campo da prática**

A escola escolhida para a realização desse trabalho é uma escola particular denominada Cantinho do Saber (nome fictício). É uma escola que já funciona a treze anos. Foi fundada por Joaquina Oliveira (nome fictício) em 1968. É uma escola independente que funciona exclusivamente através do serviço prestado aos seus alunos. A escola possui atualmente uma equipe de aproximadamente 95 professores sem incluir as monitoras do berçário. Há um Médico, duas Auxiliares de Enfermagem e uma Nutricionista. A escola oferece atendimento que vai do Berçário ao Ensino Médio conforme a estrutura abaixo:

##### **Estrutura pedagógica**

##### **I - Creche:**

- a) Berçário 1
- b) Berçário 2
- c) Maternal I - 1ª fase
- d) Maternal I - 2ª fase
- e) Maternal II

##### **II - Pré-Escola:**

- a) Pré-Escola - 1º período: 4(quatro) anos - Jardim I
- b) Pré-Escola - 2º período: 5 (cinco) anos - Jardim II

III - Ensino Fundamental: regime seriado anual constituído do 1º ao 9º ano.

IV - Ensino Médio: regime seriado anual (1º ano/2009) - Implantação gradativa.

As salas de aula são divididas em dois andares, sendo que no térreo estão às salas que atendem do Berçário ao Jardim II e no primeiro andar estão às salas do Ensino Fundamental e Ensino Médio. Elas têm um espaço suficiente para os alunos

inclusive algumas por serem menores têm o número de alunos reduzido, são claras e arejadas. Os parques e a academia ficam no térreo e as piscinas da academia ficam no 1º andar. Há um ventilador e um umidificador em cada sala.

A escola possui grama sintética nos parques e em um amplo espaço perto da casinha de bonecas. Existem vários laboratórios e muitas quadras poliesportivas, além de um auditório em homenagem a sua fundadora. Há salas específicas para a realização das atividades de Educação Complementar e um Centro de Línguas e Informática. As crianças frequentam semanalmente a biblioteca para terem aulas de literatura e também para assistirem DVDs pedagógicos (a biblioteca possui um tapete acolchoado para as crianças tirarem os sapatos e sentirem-se confortáveis). Existem dois parques gramas, quatro de areia e um solário com vários brinquedos e velotróis para as crianças andarem nas quadras, nos corredores ou então no próprio solário.

A escola é muito acolhedora e receptiva aos alunos e à família. É uma instituição que normalmente não permite observações.

Há um conselho escolar formado que se reúne para tomar algumas decisões da escola. Há uma Diretora Pedagógica, um Diretor Geral e uma Vice-diretora, além de seis Coordenadores Pedagógicos, três Orientadores Pedagógicos e seis secretárias.

#### **4.1.1 Recursos Materiais e organização interna**

1. 42 microcomputadores;
2. 9 impressoras;
3. 1 máquina filmadora;
4. 1 câmara fotográfica digital;
5. 2 scanners;
6. 3 retroprojetores;
7. 1 projetor de slides;
8. 1 projetor multimídia;
9. 2 spinlingth;
10. 24 aparelhos de TV e 24 videocassetes;
11. 8 aparelhos de DVD;
12. 20 aparelhos de som portáteis e 3 aparelhos de som profissional;
13. Acervo literário para Educação Infantil;



14. Acervo literário para Ensino Fundamental;
15. Laboratório de Ciências.

A escola possui uma academia interna, que é responsável pela natação do ensino regular e que incentiva os alunos a participarem de atividades desportivas, porém não é de uso exclusivo da escola atendendo também a comunidade. Além disso, a escola também oferece um serviço de formação em Línguas estrangeiras e informática e um serviço para complementar e aprimorar a aprendizagem integral do aluno, nele são oferecidas atividades esportivas, artísticas e intelectuais no turno contrário ao que o aluno estuda. A escola também conta com um serviço tecnológico, que é a TV Cantinho do Saber.

Os uniformes se dão de acordo com as etapas de ensino, sendo um para Creche e Maternal I 1ª fase, outro do Maternal I 2ª fase até o Jardim, outro do 1º ao 4º ano, outro do 5º ao 8º ano e outro do 9º ano até o 3º ano do Ensino Médio. O espaço físico é amplo e confortável, atendendo todas as necessidades dos alunos e educadores. A escola funciona no vespertino e no matutino.

A creche Cantinho do Saber atende crianças de 3 a 36 meses. As crianças são agrupadas de acordo com a faixa etária em: Berçário I, Berçário II, Maternal I (1ª e 2ª fase) e Maternal II. O funcionamento da creche acompanha o calendário da escola. Inclusive os períodos de recesso.

A escola possui uma norma quanto à entrega da criança: a criança poderá ser entregue apenas aos pais ou pessoas autorizadas pela família. Essa autorização deve ser feita por escrito na agenda da criança. As pessoas autorizadas têm que apresentar documento de identificação na Secretaria da Creche para que a saída do aluno seja liberada. Na adaptação do Maternal I (1ª e 2ª fase) e do Maternal II é sugerido que nos dois primeiros dias a criança fique apenas parte do período (2h ou 3h) na escola. Não é necessária a permanência da mãe em sala. As crianças dessas fases, respectivamente, só poderão levar brinquedo para a escola no dia da casinha de boneca, atividade essa que é constante no cronograma. A escola não se responsabiliza por jóias adornadas nas crianças. Com relação aos medicamentos, a escola definiu que os analgésicos e/ou antitérmicos serão ministrados pela auxiliar de enfermagem, somente quando necessário e com autorização do responsável, por escrito na agenda.

#### **4.1.2 Perfil socioeconômico dos estudantes**

A maioria dos alunos são crianças que moram perto da escola, porém por ser uma escola conhecida pela sua qualidade recebe alunos das mais diversas localidades, tais como: Lago Sul, Lago Norte, Águas Claras, Asa Sul e Asa Norte. A condição econômica é muito boa: todos são de classe alta. Os pais são, quase que em sua totalidade, concursados.

#### **4.1.3 Formação dos professores**

Os professores são todos formados e a maioria possui pós-graduação. Algumas assistentes ainda não são formadas, mas na sua maioria estão em processo de formação e as estagiárias são todas estudantes e podem cumprir o prazo máximo de dois anos de estágio segundo norma do CIEE (Centro de Integração Empresa-Escola). O trabalho das professoras é das 7h45min às 12 horas (ou das 7h às 13 horas, no caso das assistentes e estagiárias). Os professores do Ensino Fundamental e do Ensino Médio possuem uma carga horária diferenciada.

Os professores que trabalham lá, normalmente, foram estagiários ou assistentes antes de serem professores (o que não se inclui muito ao Ensino Fundamental e Médio). Baseados na experiência que tiveram com a turma, na desenvoltura, capacidade de iniciativa, domínio da turma, forma de tratar pais e alunos, são promovidos a professores.

#### **4.1.4 PPP (Projeto Político Pedagógico)**

*“Não educamos para nós, mas para viverem em sociedade.” I. Jaqueline*

O Centro de Ensino Cantinho do saber trabalha de forma construtivista, seguindo a teoria piagetiana, preocupa-se com o desenvolvimento cognitivo e prepara o indivíduo para a convivência em grupo, com o objetivo no exercício da cidadania.

Visão e missão: “Buscar uma educação de qualidade nas áreas formativa, social e pedagógica, utilizando práticas educacionais que preparem as crianças e adolescentes para uma vivência plena em sociedade, objetivando sempre a excelência como referencial de nosso trabalho”.

A escola possui um Regimento Escolar e uma proposta pedagógica baseados nos princípios da educação nacional e inspirados nos ideais de liberdade e solidariedade humana que baseiam sua filosofia. O PPP da escola expressa a identidade e os princípios fundamentais, epistemológicos e didático-pedagógicos que fundamentam a sua filosofia. A escola propõe uma formação que ofereça condições para que os seus educandos possam enfrentar situações cotidianas, vivenciando-as de forma íntegra, ética e humana, incentiva a capacidade crítica e criativa do aluno na busca de soluções adequadas aos seus problemas. Para isso, o colégio fundamenta teoricamente sua prática na concepção construtivista do psicólogo e filósofo Jean Piaget, conhecido por seu trabalho pioneiro no campo da inteligência infantil. Baseia suas ações educacionais em princípios onde são respeitadas cada estágio do desenvolvimento da criança. As atividades têm como objetivo fazer o aluno raciocinar, pensar, refletir e questionar, buscando tornar a aprendizagem uma atividade formativa, lúdica e motivadora para a construção do seu conhecimento. O Plano Escolar é elaborado anualmente sob a coordenação do Diretor.

A escola é constituída por uma Diretora pedagógica, por um Diretor geral, Vice-diretora, cinco coordenadores, uma auxiliar de enfermagem, um médico, uma nutricionista, uma lactarista, cerca de 80 professores, dois orientadores educacionais, três orientadoras, um coordenador de português, um coordenador de matemática, um coordenador de história, um coordenador de geografia, um coordenador de ciências naturais, secretários, zeladores, almoxarifados e contadores. Todos esses dados foram colocados sem incluir os trabalhadores de educação complementar e de línguas estrangeiras.

O atendimento ao berçário e maternal que foi onde eu atuei e continuo atuando é muito bem elaborado, trata-se de salas adequadas a essa faixa etária que vai de 3 meses a 3 anos, além de ótimos parques, sala de literatura, casinha de boneca e um refeitório. O que me chamou a atenção nessa escola é que do berçário

até o maternal I 2ª fase estão presentes três educadoras em cada sala de aula, é a professora titular, a contratada (professora formada) e uma estagiária. A presença de três educadoras por sala de aula proporciona uma melhoria na qualidade do cuidado educacional, fazendo com que as crianças recebam maior atenção contribuindo assim para o seu desenvolvimento físico, social e intelectual.

A escola também é conhecida por oferecer um serviço de alimentação que se divide em lanche e almoço para os alunos do matutino e lanche e jantar para os alunos do vespertino, os pais podem optar tanto pelos dois quanto por um só. As crianças nessa faixa etária possuem além das três educadoras em sala de aula, alguns professores especializados que são o de música, de expressão corporal e três professores de natação. A professora de música leciona uma aula de 30 minutos por semana, a professora de expressão corporal e os professores de natação lecionam uma aula de 40 minutos a cada 15 dias. Essas aulas realizadas por professores especializados contribuem de forma significativa para o desenvolvimento das crianças, além de serem formas excelentes para as crianças se adaptarem a ter outros professores como acontece em outros níveis de ensino e permitir que elas frequentem quinzenalmente um local diferente. Como todos os níveis de ensino, essa etapa do desenvolvimento também possui um objetivo que é o de proteger a criança, proporcionando-lhe cuidados integrais de higiene, educação e saúde em clima afetivo, estimulante e seguro.

#### **4.2 Atuação na escola**

A minha chegada ao Cantinho do saber ocorreu muito antes do estágio supervisionado, pois estou nessa instituição educacional desde 31/01/2011 como estagiária remunerada. A contratação nesse estabelecimento se deu de forma bem inusitada, faltando quatro dias para o início das aulas eu recebi uma ligação de uma amiga perguntando se eu tinha interesse em estagiar lá, fiquei na dúvida, porque o estágio era no turno da tarde, então eu teria que conseguir montar minha grade do 1º semestre de 2011 toda no período da manhã, mas decidi que iria fazer por se tratar de uma experiência nova na minha vida, pois até então eu nunca tinha feito estágio em nenhuma escola. No outro dia após a ligação eu compareci no colégio, levei meu currículo e de cara fui contratada.

Senti-me muito bem recebida pelos funcionários da escola, principalmente pela coordenadora. No último dia útil antes de começarem as aulas participei da reunião com os pais e recebi algumas orientações sobre o estágio em si e sobre algumas normas da instituição, nesse dia me senti muito descolada na sala, porque não sabia o que fazer e também porque eu estava vestida diferente das outras duas professoras que estavam uniformizadas. As aulas começaram e as duas primeiras semanas de “treinamento” foram bem cansativas e foi muito difícil me adaptar a rotina da sala de aula, eu pensei até em desistir, mas tive forças e continuei. Permaneci na escola por dois anos, sai em dezembro de 2012. O trabalho com jogos e brincadeiras foi desenvolvido no mesmo período que eu estava estagiando na escola, ou seja, o estágio obrigatório foi inserido no estágio remunerado fazendo com que eu fosse beneficiada.

#### **4.3 Diário de bordo**

##### **Descrição da turma**

A turma era composta por 15 alunos, sendo que uma entrou recentemente, são 5 meninos e 10 meninas. Na sala temos 3 responsáveis: a professora, a contratada e a estagiária, nesse caso eu sou a estagiária. O nome da professora titular é Adriana, da contratada é Euslane e o meu é Daiany. A faixa etária deles é de 2 anos e eles estão no Maternal 1 fase 2. A rotina da semana não varia muito, não precisa ser seguida a risca, porém os horários dos parques, natação, casinha de boneca, expressão corporal devem ser seguidos fielmente. Funciona desta forma: toda segunda-feira troca-se o mural, toda quarta de 15 em 15 dias tem expressão corporal a professora Jane, toda sexta-feira tem chuveirinho ou natação, cada semana é um, por exemplo, numa semana é chuveirinho, na outra é natação.

É obrigatório o uso do macacão na ida aos parques, claro que se o pai não tiver mandado o macacão ou se ele ainda não comprou (período de adaptação) a criança participa da mesma forma, os macacões são recebidos na segunda-feira e ficam na escola até sexta-feira onde são mandados para serem lavados. Toda sexta-feira temos o projeto do livro onde cada criança escolhe um livro leva pra casa e devolve na segunda-feira. Toda quinta-feira é o dia do brinquedo, as crianças

escolhem qualquer brinquedo e levam pra escola, não é permitido isso nos outros dias da semana, porém ocorrem algumas exceções. Durante a semana são feitos alguns trabalhos com eles, que são os trabalhos de arte, feitos das mais diversas formas, porém mantendo um caráter em comum, pois na maioria das vezes são atividades livres, raramente elas são direcionadas a um tema.

No período em que foram aplicados os jogos tínhamos apenas 4 alunos que ainda usavam fralda a tendência era que até o final do ano nenhum deles usasse mais. O lanche pode ser tanto na própria sala de aula quanto no refeitório. As crianças podem chegar à escola a partir das 13 h e podem permanecer até as 19 h, as que chegam até 13 h e 30 ficam no plantão com as estagiárias e as contratadas, as que chegam após esse horário vão direto para a sala de aula, a professora titular entra as 13 h e 45 min e sai as 18 h, após as 18 h as crianças vão para o plantão podendo ser o plantão do jantar para aquelas que jantam ou o plantão da sala de aula mesmo que são para aquelas que crianças não jantam. As crianças que ficam após as 19h são levadas para outro plantão que junta todas as crianças que ficaram após esse horário. As crianças do jantar comem até as 18 h e 30 e depois são levadas para uma sala onde escovam os dentes e aguardam os pais chegarem.

### **1. Jogos tradicionais 05/11/2012**

Planejamento: Seleção de algumas brincadeiras tradicionais para a educação infantil, além de envolver atividades psicomotoras, levando em consideração os aspectos físicos, psicológicos e sociais.

#### Objetivos gerais

- Conhecer os principais jogos tradicionais.

#### Objetivos específicos:

- Promover a socialização;
- Desenvolver aspectos psicomotores;
- Identificar brincadeiras conhecidas.

#### Faixa etária:

De 02 a 05 anos.

Tempo estimado:

1h.

Material necessário:

Bolas e um espaço adequado.

Desenvolvimento

As brincadeiras selecionadas foram: fazer vários círculos no chão e brincar de coelhinho sai da toca (dentro e fora do círculo); boca de forno; vivo morto; arremesso; acertar a bola no balde; golzinho. As atividades foram planejadas para serem realizadas na quadra de esporte do colégio.

Realização: Assim que saímos da sala do plantão fomos para a nossa sala e lá distribuimos brinquedos para as crianças. Fui chamando cada um deles rapidamente para vestir o macacão, pois eles ainda não vestem sozinhos e assim ganhar tempo para organizar tudo e está tudo pronto no momento da minha aula, enquanto isso a professora contratada foi olhando as agendas. Assim que a professora entrou na sala eu conversei com ela a respeito do meu planejamento para aquela aula e ela apenas concordou dizendo que tudo bem. Depois percebi que ela não queria ir logo para quadra porque estava terminando uma atividade que ela tinha feito com eles no dia anterior, nada que estivesse envolvendo eles naquele momento e também porque alguns alunos ainda não tinham chegado, então esperei uns 10 minutos. Fiquei com medo de não poder realizar a atividade na quadra, porque a professora pediu para eu ir lá e ver se estava sol, pois se estivesse sol a gente não poderia levar eles e infelizmente teria que brincar com eles na sala de aula mesmo, o que seria muito ruim porque planejei algumas atividades com a bola e isso demanda um pouco mais de espaço. Fui lá e disse a ela que estava sol, porém que tinha um espaço bem grande que estava fazendo sombra, ela topou e fomos todos para a quadra. Chegando lá, a professora disse que a partir de então eu estaria regendo. Como estavam todos sentados pedi que todos ficassem em pé e brincamos de vivo morto, comecei explicando como funcionava a brincadeira e logo em seguida brincamos, a princípio teve duas crianças que não estavam participando, então a medida que íamos brincando pedia para que eles fizessem também e logo todos estavam participando, eles adoraram a brincadeira, o mais engraçado era quando eu

falava muito rápido e repetida vezes, nesses momentos eles ficavam um pouco perdidos e alguns terminavam errando, percebi que eles me seguiam muito mais visualmente do que oralmente, porque algumas vezes eu falava morto e ficava em pé e outras eu falava vivo e ficava em posição de morto. Era muito interessante porque eles imitavam o que eu estava fazendo.

Depois brincamos de boca de forno, foi bem legal, mas tive problemas com relação ao grito da brincadeira que é:

Senhor: - Boca de forno

Crianças: - Forno!

Senhor: - Faz o que eu mandar?

Crianças: - Faço

Senhor: - Se não fizer?

Crianças: - Toma bolo.

A minha dificuldade foi que eles não falavam o grito, a professora até tentou me ajudar repetindo a parte das crianças, mas mesmo assim elas não pronunciaram, mas nem por isso deixei de fazer a brincadeira com elas. Nessa brincadeira pedi que elas andassem num pé só, que elas andassem colocando a mão em várias partes do corpo, que elas andassem abaixadas, que elas mandassem beijos para as tias, que elas fizessem cosquinhas umas nas outras, que elas sentassem no chão e pegassem em algumas partes do corpo e novamente percebi que elas me acompanhavam muito mais visualmente do que oralmente porque eu falava determinada parte do corpo e pegava em outra diferente da que havia falado e elas faziam a mesma coisa. Outra dificuldade que tive foi a de fazer com que um dos alunos parasse de correr pela quadra, mas as outras professoras me ajudaram e conseguimos que ele ficasse próximo dos demais.

Depois brincamos de jogar a bola no cesto, pedi que todos sentassem no banquinho e fui chamando um por um para tentar acertar a bola no cesto, posicionava as crianças bem próximas do cesto e pedia para que elas tentassem acertar, obviamente que elas não cumpriram com a regra, algumas espertinhas



jogavam a bola e como não acertavam pegavam a bola novamente e jogavam bem de perto, outras queriam jogar várias vezes. Todos batiam palmas a medida que cada um jogava tendo acertado ou não. Como eles gostaram da brincadeira e pediram bis fiz mais uma rodada com cada um deles.

Outra brincadeira que achei interessante e que iria desenvolver o aspecto motor das crianças foi a de passar a bola, mas não de passar a bola entre eles e sim de jogá-la para mim. Demonstrei para eles como se brincava e fui pedindo que um por um levantasse do banco e jogasse a bola para mim a partir de determinada distância, teve uma criança que não entendeu e que demorou muito para jogar a bola para mim, mas no final ela acabou jogando, a maioria não conseguia jogar a bola na minha mão com exceção de um, a dificuldade que eu tive nessa brincadeira foi a de conseguir a atenção de todos, percebi que eles já estavam muito dispersos, olhando para a sala do berçário através da grade, então para conseguir chamar a atenção deles falei que só iria jogar a bola para mim quem estivesse sentado e foi desta forma que eu consegui uma maior atenção deles.

Já que estávamos brincando com a bola também pensei em a gente brincar de jogar a bola para o alto, trabalhando também a parte motora só que agora sobre diferente aspecto. Eu chamava, então, um de cada vez e pedia para que jogasse a bola para cima o mais alto que eles conseguissem, teve uma criança que jogou a bola bem em cima da própria cabeça quase que a bola a acertava, mas se caso tivesse acertado ela não iria machucá-la porque era uma bola de vôlei que estava meio vazia. Pensei bem e achei melhor não fazer a brincadeira do coelhinho sai da toca porque não achei apropriada para a idade deles, na realidade achei que eles não iriam da conta, porém fiz a brincadeira dentro e fora do círculo, não desenhei nenhum círculo no chão, apenas aproveitei o círculo da própria quadra, quando eu falava dentro todos tinham que ficar em cima do círculo e quando eu falava fora todos tinham que sair de cima do círculo, muitos não atenderam ao comando acredito que foi porque estavam muito mais interessados em se divertir do que ficarem dentro ou fora do círculo, a maioria ficou pulando para lá e para cá, foi bem divertido.

Depois pedi para que eles fizessem uma fila e fomos para a outra parte da quadra onde estava o gol, na fila cada um chutava a bola para o gol e depois ia para

o final da fila, a dificuldade que eu tive foi a de mantê-los na fila, pois a maioria não ficava na fila, mas com a ajuda das outras professoras conseguimos que eles ficassem na fila, que estava meio torta, mas não deixava de ser uma fila. O mais engraçado era que alguns chutavam a bola para o lado e não acertavam o gol, mas como o gol era bem grande a maioria conseguia acertar, um ou outro que chutava para fora do gol.

Depois fizemos um círculo no lugar onde estávamos e pedi que cada uma passasse a bola para o lado falando o nome do amigo que estava do seu lado, a dificuldade que eu tive foi a de que alguns não falavam o nome apenas passavam a bola, outros queriam jogar a bola para quem não estava do seu lado e também teve que ser rápido porque o sol apareceu e as crianças não podiam ficar no sol.

Avaliação: Foi uma experiência muito boa, o planejamento se deu através de pesquisas na internet sobre os jogos tradicionais. Meu erro foi ter planejado várias atividades para o mesmo dia, deveria ter escolhido poucos jogos e ter desenvolvido melhor esses jogos com eles. Nesse dia fiquei um pouco nervosa antes de começar a dar aula, mas depois fiquei tranquila. O que eu pude perceber com esses jogos e principalmente com a brincadeira do morto vivo é que as crianças nessa faixa etária se baseiam muito no que veem e pouco no que ouvem, por isso que elas me seguiam de acordo com o que eu estava fazendo e não com o que eu estava falando, ou seja, a percepção visual é muito mais utilizada do que a auditiva nessa etapa do desenvolvimento. Os pontos positivos dessa aula foi que elas desenvolveram vários aspectos da motricidade, através dos jogos com a bola, desenvolveram também aspectos sociais e psicológicos através dos jogos vivo morto e boca de forno. Os pontos negativos dessa aula foi o desvio de atenção por parte dos alunos, porque isso atrapalhou o desenvolvimento da aula tendo em vista que se um se distraí os outros se distraem juntos e dessa forma fica difícil dar continuidade a atividade desenvolvida, portanto é necessário utilizar estratégias para que se consiga retomar a atenção deles.

Apesar das atividades propostas parecerem simples e comuns, elas não foram desenvolvidas sem intencionalidade pedagógica. Todas tinham a intenção de promover o desenvolvimento da criança, trabalhando o desenvolvimento físico, especificamente o desenvolvimento motor amplo, cujo objetivo é desenvolver os

grandes músculos do corpo, dos braços, pernas e dorso, e possibilitam que as crianças desenvolvam o domínio sobre os movimentos corporais. As brincadeiras com bolas contribuem bastante nesse sentido. Esse desenvolvimento das habilidades motoras amplas é um componente crítico do currículo de educação infantil.

## **2. Cantigas de Roda 07/11/2012**

### Objetivo geral

Conhecer as cantigas de roda presentes na nossa cultura.

### Objetivos específicos

- Contribuir para o desenvolvimento da linguagem oral;
- Reconhecer a linguagem oral como uma forma de se comunicar;
- Promover a socialização entre os alunos;
- Identificar o objeto de cada cantiga de roda;
- Desenvolver a psicomotricidade dos sujeitos.

### Faixa etária

De 02 a 03 anos de idade.

### Tempo estimado

45 minutos.

### Material necessário

- CD com as cantigas de roda gravadas;
- Objetos específicos de cada cantiga;

### Desenvolvimento

Apresenta-se a cantiga a ser cantada e canta-se com elas uma vez sem o uso do CD, depois se coloca todos os objetos das cantigas juntos em um local que elas possam ver e pergunta-se a elas qual é o objeto que se relaciona com aquela cantiga, mostra-se o objeto a elas de maneira que elas possam manuseá-los e canta-se novamente a cantiga com elas utilizando o CD.

### Cantigas de roda-nomes (Anexo 2)

- Cai cai balão/ balão
- Sapo Cururu/ sapo
- Meu galinho/ galo
- Meu limão/ limão
- Marcha soldado/ chapéu de soldado
- Ciranda cirandinha/ anel
- Atirei o pau no gato/ gato
- Pai Francisco/ violão
- A canoa virou/ canoa
- A carrocinha/ cachorro
- Ai eu entrei na roda
- Seu lobo

Preparo: Pensei nessa atividade lúdica porque percebo que cantiga de roda é algo que eles gostam bastante, então, selecionei algumas músicas que achei apropriadas para a idade deles e que não fossem desconhecidas totalmente por eles. Tentei levar alguns objetos referentes a cada música para que eles pudessem associar o objeto à música, após escolher as músicas gravei um CD para cantarmos e dançarmos.

Realização: Assim que sentamos na rodinha falei para eles que nós iríamos falar sobre cantigas de roda e perguntei para eles se sabiam o que era e como já imaginava nenhum deles sabia, então, expliquei que se trata de canções que envolvem brincadeiras de roda. Começamos a cantar as músicas, a primeira foi a “Cai cai balão”, a princípio a maioria não cantou, mas foi só cantarmos de novo que a situação se inverteu e a maioria cantou e me acompanharam fazendo os gestos com as mãos que eles já conheciam. A segunda foi “Sapo cururu” que é bem conhecida por eles, cantamos uma vez e antes de cantarmos novamente apresentei os objetos a eles, falando o nome de cada um: canoa, chapéu de soldado, sapo e cachorro, perguntei de qual deles a música estava falando, então fui pegando cada objeto e perguntando se era aquele e eles respondiam sim ou não, quando perguntei

se era do sapo eles disseram que sim. A terceira música foi “Meu galinho” que eles também já conheciam e gostei muito porque eles cantaram comigo, alguns cantaram até fora do ritmo, mas cantaram.

Um dos alunos que tem um comportamento diferenciado dos outros, no sentido de ser o que menos obedecia e que dava mais trabalho que os demais, começou a falar bem alto de forma que estava atrapalhando a minha aula, a professora que estava sentada na mesa fazendo um trabalhinho me ajudou e disse a ele que se ele não parasse ele iria sentar do lado dela, o garoto se comportou e eu continuei a aula. A quarta música foi “Meu limão”, nessa ninguém cantou porque eles não conheciam. A quinta música foi “Marcha soldado”, essa eles adoram e todos cantaram e fizeram os gestos juntamente comigo, depois de cantarmos coloquei novamente os objetos na frente deles e perguntei qual era o objeto que a música falava, quando perguntei se era o chapéu de soldado e eles responderam que sim. A sexta música foi “Ciranda cirandinha” essa eles também já conheciam e cantaram, porém percebi que já estava perdendo um pouco da atenção deles, então disse que depois de cantarmos todas as músicas eu colocaria o CD para a gente dançar e brincar, eles ficaram felizes e na mesma hora levantaram e começaram a pular, fiquei surpresa com a reação deles e realmente não esperava, mas fiquei feliz porque eles estavam felizes, só que ainda faltavam algumas músicas, então depois que eles comemoraram pedi para que sentassem novamente na rodinha, para ser bem sincera eles não me ouviram e continuaram pulando, a professora pediu para que todos eles sentassem e prestassem atenção em mim. A sétima música foi “Atirei o pau no gato”, essa eles também gostaram muito e cantaram batendo palmas juntamente comigo, a cada canção que cantávamos percebia que estava cada vez mais difícil conseguir a atenção deles, por isso tinha que ficar chamando a atenção deles algumas vezes.

A oitava música foi “Pai Francisco”, essa eles só sabiam o refrão e ainda assim não cantaram corretamente, mas o importante é que eles tentaram. A nona música foi “A canoa virou”, essa eles já conheciam e cantaram fazendo os gestos juntamente comigo, coloquei os objetos na frente deles e perguntei qual era o objeto de que a música estava falando e imediatamente eles responderam que era a canoa. A décima música foi “A carrocinha”, essa eles também conheciam, mas ouviram poucas vezes, então não tinham o domínio da letra da música, mas

cantaram e gesticularam comigo. A décima primeira música foi “A eu entrei na roda”, essa eles gostam muito, mas não sabem cantar. A décima segunda foi “Seu lobo”, acredito que essa eles já haviam escutado porque foi gravada por uma cantora muito famosa no meio infantil (Xuxa) foi muito interessante porque nessa eu consegui manter a atenção deles por causa da mudança na voz que eu fazia no momento da fala do lobo, eles gostaram muito e riram bastante, só que nesta música aconteceu algo bem interessante, no final perguntei se eles gostavam do Lobo e todos eles responderam que sim, com exceção de uma criança que respondeu que não, então perguntei para ela porque e ela me disse que é porque ele corre atrás dos porquinhos, depois eu fui descobrir que ela não gosta do Lobo porque a mãe dela faz medo nela dizendo que se ela não tirar a mão da boca sua barriga vai ficar bem grande de sujeira e o Lobo vai vim atrás dela. Para encerrar coloquei o CD com todas as músicas que nós havíamos cantado e foi muito divertido porque brincamos e dançamos, infelizmente não deu tempo de dançarmos todas as músicas porque o tempo acabou e já estava na hora das crianças lancharem.

Avaliação: A atividade foi muito interessante tanto para eu quanto para eles, na verdade foi enriquecedora e repleta de aprendizado. A única coisa que não deu certo foi que não consegui todos os objetos e, portanto a atividade não ficou completa, mas gostei muito de ter feito e compreendido que através disso a gente pode descobrir muita coisa de uma criança como foi o caso da educanda que tem medo do Lobo mal, ou seja, a atividade lúdica é cheia de significados e aprendizagens tanto para a criança quanto para o professor. Acredito que o tempo também não ficou muito organizado porque pensei que sobraria tempo e na verdade faltou, mas não só cantei com eles como também fiz várias perguntas sobre o que dizia na canção, trabalhando assim os aspectos cognitivos.

A música é muito importante para o desenvolvimento da criança tendo em vista que as crianças desenvolvem confiança em suas habilidades musicais e em si mesmas cantando. Ela é um recurso valioso, pois proporciona oportunidades para reforçar todas as áreas do currículo – alfabetização, desenvolvimento físico. Habilidades matemáticas, habilidades sociais e capacidade de raciocínio. Particularmente, nessa atividade o objetivo era trabalhar a capacidade de raciocínio das crianças, pois elas ouviam a música e tinham que associar o objeto a ela relacionado.

### **3. Memória Auditiva 09/11/2012**

#### Objetivo geral

- Identificar sons semelhantes.

#### Objetivos específicos

- Perceber diferentes sons;
- Promover a socialização;
- Trabalhar a capacidade de saber esperar.

#### Faixa etária

De 02 a 08 anos.

#### Tempo estimado

45 minutos.

#### Material necessário

- Potes vazios de cappuccino ou outro qualquer;
- Cartolinas coloridas;
- Vários objetos que produzem sons diferentes, por exemplo: arroz, feijão, clips e etc.

#### Desenvolvimento

Os pots devem ser separados de dois em dois, em seguida com a cartolina colorida faça recortes em forma de círculos de maneira que preencha boa parte da tampa sendo que para cada par possui uma cor diferente, depois com a fita dupla face cole os círculos na tampa e por último coloque coisas que produzam um som bem específico nos pares dos pots. Essa brincadeira é de extrema importância para desenvolver a memória auditiva das crianças que algumas vezes não conseguem perceber sons diferentes e com ela pode-se identificar diversas coisas através do comportamento deles diante das situações presentes na dinâmica como, por exemplo, problemas de audição. Consiste em duas etapas: a primeira deve ser

feita com as cores das cartolinas coladas nas tampas e a segunda deve ser feita sem as cores.

Preparo: Foi muito bom preparar essa brincadeira porque não é difícil de fazer e ao mesmo tempo exige de você um grau de criatividade, principalmente no momento de escolher quais serão as coisas que você irá colocar dentro dos potes. Não foi difícil conseguir os potes e as cartolinas e o durex dupla face eu já tinha, acredito que a parte mais desafiadora foi no momento de escolher as coisas que seriam colocadas nos potes a princípio senti um pouco de dificuldade, mas depois comecei a pensar em várias coisas que produziam um som bem diferente dos demais.

Realização: Nesse dia a professora regente entrou na sala e não fez a rodinha com eles, pois estava preparando o material para o próximo trabalhinho que eles iriam fazer. Pedi para que sentassem na rodinha e mostrei para eles uma sacola onde estavam os potes e perguntei o que achavam que tinha dentro, uma das crianças respondeu que tinha papel não sei por que, mas disse a ela que não era papel. Antes de retirar os potes da sacola expliquei que na sacola havia potes e que eu iria colocar esses potes no centro da rodinha só que não poderiam pegá-los, somente na hora que fosse a sua vez, pois eu iria chamar de um por um “Ok?” e fiz o gesto de levantar o dedão e pedi para que repetissem o gesto comigo para ter a certeza de que haviam entendido e disse também que quando eles pegassem nos potes não poderiam abri-los.

Após colocar os potes na rodinha expliquei como funcionava a brincadeira, eles teriam que escolher um dos potes e balançá-lo e depois procurar o pote que reproduzisse o mesmo som. Fui chamando de um por um e pedia para que eles escolhessem um pote, depois falava que eles tinham que procurar o pote que fizesse o mesmo som daquele que eles haviam escolhido, quando eles pegavam outro pote eu sempre perguntava se era o mesmo som e o mais interessante de tudo era que na maioria das vezes eles falavam que sim ou balançavam a cabeça fazendo um gesto afirmativo, só que na verdade não era, mesmo que eles percebessem que não era o mesmo som falavam que sim, então ao perceber isso comecei a perguntar para todos eles, “Gente é o mesmo som?” e eles respondiam bem alto “Não” foi aí que eles começaram a acertar, estava tudo indo bem até que eles começaram a responder muito alto e também agora só respondiam não, então mudei de estratégia



mais uma vez e voltei a perguntar especificamente para a criança que estava na sua vez e disse que eles poderiam responder se não falassem tão alto. Imaginava que iria sobrar tempo, mas quase que não deu tempo de fazer tudo, então como fui vendo que o tempo estava passando e que ainda tinha que fazer a segunda etapa da brincadeira eu comecei a ajudá-los sem grandes intervenções porque eles estavam demorando muito, pegavam o mesmo pote várias vezes, resolvi separar os que eles já haviam pegado dos demais e isso melhorou bastante o andamento da brincadeira. Nem todos perceberam que as cores iguais correspondiam aos sons iguais, teve um aluno que percebeu muito rápido, outros demoraram mais e outros nem se quer perceberam e infelizmente a porcentagem dos que não perceberam foi maior.

Quando tirei as cores ficou mais difícil para aqueles que tinham percebido que o som era o mesmo de acordo com as cores, com exceção do mesmo aluno que percebeu a dinâmica das cores rapidamente, pois ele se saiu muito bem acertando o par de primeira. No final pedi para que cada um escolhesse um pote e ficasse em pé e fizemos uma espécie de banda em que cada um tocava o seu pote como queria, ou seja, com liberdade, estava tudo indo bem até que um dos potes abriu e caiu feijão por todo lado, foi até engraçado ainda mais porque não tinha pensado na possibilidade de isso acontecer, mas não teve problema, pedi para que eles pegassem e colocassem os feijões de volta no pote. Depois as crianças procuraram o seu lugar na mesa e sentaram-se para lanchar.

Avaliação: Diverti-me muito com essa brincadeira a única dificuldade que eu tive foi mesmo na execução, porque eles não obedeceram as “regras” e isso dificulta um pouco a realização da dinâmica como, por exemplo, alguns ficavam pegando nos potes sem que fosse a sua vez e ficavam saindo do lugar o tempo todo e quando eu ia ver eles já estavam em cima dos potes e por isso toda hora eu tinha que ficar pedindo para eles afastarem, mas essa dificuldade se dá justamente por causa da pouca idade deles, muitos ainda se deixam levar pela curiosidade não obedecendo assim o que a gente fala. O que não deu certo, mas nem por isso estragou a brincadeira foi o momento que um dos potes abriu e os feijões caíram. A única coisa que eu não conseguir entender foi porque eles pegavam os potes de sons diferentes e falavam que os sons eram iguais, sendo que quando eu perguntava coletivamente eles sabiam responder que aqueles sons não eram iguais, talvez eles estavam mais

interessados em pegar nos potes e fazer barulho do que se preocupar com a semelhança dos sons, apesar de que pode realmente ter acontecido de uma ou outra criança achar que os sons eram iguais, tanto é que o interesse deles era esse pois eles ficavam em cima dos potes o tempo todo e querendo pegar neles toda hora mesmo não sendo a sua vez.

Nessa faixa etária é muito importante que as crianças comecem a entender a ideia de semelhança e de diferença. Por isso essa brincadeira é uma base significativa para as crianças irem desenvolvendo esta habilidade de reconhecimento das coisas. Sem contar que a atividade também trabalha a escuta das crianças, a memória, e sua capacidade de associação, ou seja, associar as cores das tampas iguais como sendo as que obtêm o mesmo som. Essa habilidade deve ser trabalhada diariamente com as crianças que aos poucos vão fazendo associações e reconhecendo mochilas iguais, brinquedos iguais, roupas e objetos no geral e da mesma forma elas vão associando e reconhecendo o que for diferente.

#### **4. Oficina de Sucata 12/11/2012**

##### Objetivo geral

- Incentivar a preservação do meio ambiente através da reciclagem.

##### Objetivos específicos

- Conhecer a importância da reutilização do lixo;
- Desenvolver aspectos psicomotores;
- Promover a preservação do meio ambiente.

##### Faixa etária

De 02 a 05 anos.

##### Tempo estimado

45 minutos.

##### Material necessário

- Barbante;
- Potes de cappuccino;

- Cola colorida;
- Palitos de picolé;
- Tinta para tecido;
- Caneta para retroprojeto;
- Pincéis.
- 

### Desenvolvimento

A atividade consiste em dois momentos: um primeiro momento de explicação sobre a reutilização do lixo e preservação do meio ambiente através de figuras de revistas e o segundo momento de pintura dos potes. Inicia-se a explicação com as ideias principais de:

- Desmatamento, para as crianças fala-se em destruição das florestas;
- Consequências da destruição das florestas, com o foco nos animais;
- Plantar ao invés de destruir;
- Jogar lixo no lixo;
- Reaproveitamento do lixo.

Após falar desses assuntos principais deve-se mostrar o bilboquê preparado anteriormente pelo professor com os materiais citados acima, que podem variar. Deve-se mostrar cada parte do brinquedo mostrando especificamente do que foi feito e explicando que esse material é normalmente jogado fora, sendo que poderia ser reaproveitado para outras coisas. Depois eles sentam-se à mesa e é entregue tinta e pincel para cada um pintar o seu bilboquê de forma livre atentando que cada um terá o seu nome escrito no bilboquê com a caneta de retroprojeto. Depois de seco distribuem-se os bilboquês para as crianças brincarem e levarem para casa.

Neste site encontra-se um passo-a-passo de como fazer um bilboquê:

<http://bebe.abril.com.br/canais/dican/como-fazer-bilboque.php>

Preparo: A ideia inicial não era de fazer o bilboquê e sim uma girafa mágica como a descrita nesse site: <http://lixoquevirarte.blogspot.com/2011/03/girafa-magica-em-caixa-de-fosforos.html>. Pensei em fazer a girafa mágica porque acreditava que na escola tinha as caixinhas de fósforos, mas quando perguntei para professora ela

disse que só tinha umas cinco caixas, então como a quantidade não era suficiente mudei de ideia. Consegui algumas revistas e recortei algumas imagens referentes aos temas citados acima. O mais difícil mesmo foi fazer o bilboquê porque o barbante tinha que ficar no tamanho ideal para que o brinquedo funcionasse, tentei fazer com o copo descartável, mas não deu certo não sei por que, então pensei nos potes de cappuccino que seriam bem melhores porque além de serem mais pesados são mais resistentes. Depois de algumas tentativas deu certo e o próximo passo foi fazer os outros, totalizando 16 bilboquês.

Realização: A professora titular ao entrar na sala sentou com eles na rodinha, mas nesse momento não falou muito a respeito do tema dessa semana, sentei na rodinha com eles e iniciei com a explicação dos temas principais com o auxílio de figuras para exemplificar o tema, mostrei uma imagem com várias árvores derrubadas e perguntei para eles o que era e eles disseram que eram árvores e perguntei como estavam essas árvores e eles disseram que estavam caídas, então perguntei quem havia derrubado essas árvores e ouvi uma resposta inesperada, a aluna S disse que tinha sido o vento e eu expliquei que as mãos que tinham feito aquilo foram mãos humanas, a partir daí comecei então a falar sobre a importância da preservação do meio ambiente, depois mostrei uma imagem com um monte de elefantes na floresta e perguntei para eles o que aconteceriam com esses animais se as florestas acabassem? E eles foram bem claros ao responder que eles ficariam sem lugar pra morar, eles não souberam me dizer que aqueles animais presentes na imagem eram elefantes. Depois mostrei uma imagem que tem o José Serra plantando uma árvore e perguntei para eles o que ele estava fazendo e nenhum deles soube me dizer, então expliquei que nós precisamos plantar muitas árvores para poder reverter o processo da destruição. Depois falei que não pode jogar lixo no chão e perguntei para eles onde o lixo deve ser jogado e eles responderam: “No lixo”, também falei sobre a reciclagem. O momento da pintura foi muito bom, porque apesar do pouco tempo que nós tínhamos foi possível fazer calmamente com eles, confesso que eu tive a ajuda da professora contratada que ficou em uma mesa orientando a pintura e eu na outra, os bilboquês ficaram lindos e eles adoraram. Após a pintura eles sentaram na rodinha e esperaram a gente organizar as mesas para podermos lanchar, como o trabalho desenvolvido foi feito com tintas todos tiveram as mãos lavadas antes do lanche.

Avaliação: Apesar das dificuldades encontradas para a realização dessa aula o resultado foi muito bom, imaginava que iria sobrar muito tempo, por isso tentei falar muitas coisas a respeito do meio ambiente, mas quando dei por mim faltava vinte minutos para as três. A aula foi toda oposta ao que eu esperava, pensei que eles não entenderiam nada do que eu iria falar e que a pintura não daria certo, mas eu me surpreendi com a minha própria aula, porque observei que foi muito boa e que todos gostaram do brinquedo, até as professoras brincaram. Essa compreensão dos cuidados com o meio ambiente é muito importante para as crianças, pois desde cedo se deve ensiná-las a cuidar e preservar um bem tão precioso que nós temos. Os pontos positivos dessa atividade foi observar através das respostas deles que eles realmente compreenderam a importância de se cuidar do meio ambiente, desde não jogar lixo no chão ao desmatamento. Seria muito interessante se as crianças pudessem criar uma pequena horta e usufruir dos alimentos produzidos por ela, ressaltando a importância de plantar sem que seja necessário desmatar. A questão da reciclagem também deve ser trabalhada com eles, uma atividade muito interessante seria eles trazerem materiais recicláveis e produzirem o seu próprio brinquedo, pois assim eles teriam maior consciência com relação a esse processo tão importante que é reutilizar algo que seria jogado fora e que só aumentaria a quantidade de lixo presente no planeta terra.

É muito importante falar da importância de se preservar o meio ambiente em sala de aula. As crianças precisam entender que o meio ambiente merece cuidados para que a gente possa continuar usufruindo dos benefícios que ele nos oferece, por isso é importante ter um cuidado com o lixo e reutilizá-lo como fizemos nessa atividade. É incrível como um simples pote que seria jogado fora pode virar um brinquedo tão legal se acrescentarmos a ele um palito e um barbante. As crianças não só desenvolvem essa consciência ambiental como também ajudam a dar forma a seu brinquedo desenhando nele o que desejar.

## **5. Chapeuzinho Amarelo 14/11/12**

### Objetivo geral

- Conhecer a historinha “Chapeuzinho Amarelo”.

### Objetivos específicos

- Relacionar “Chapeuzinho Amarelo” com “Chapeuzinho Vermelho”;
- Identificar se existe algum personagem em comum nas duas histórias;
- Conhecer um sentimento presente na infância: o medo;
- Promover a imaginação e a criatividade.

#### Faixa etária

De 02 a 06 anos.

#### Tempo estimado

30 minutos.

#### Material necessário

Livro “Chapeuzinho Amarelo”.

#### Desenvolvimento

A historinha deve ser contada com muita criatividade e paciência, deve-se explorar a utilização dos recursos de voz e expressões do rosto para promover imaginação das crianças. A leitura do livro deve ser feita anteriormente pelo professor para que ele saiba o que está lendo e para que reflita sobre a melhor forma de contá-la, talvez seja necessário modificar alguma coisa. Perguntam-se as crianças se eles conhecem essa história e depois se tem algum personagem que elas reconheçam que também esteja presente em outra história e ao final pergunta-se se as duas histórias são iguais.

Preparo: A ideia de contar essa historinha para eles surgiu da leitura do livro realizada em uma aula da Faculdade de Educação que se chama “Processos de Alfabetização”, gostei do livro e considerei a leitura muito interessante. Consegui o livro e conversei com uma amiga da faculdade que também usou o livro para fazer um trabalho de outra disciplina, ela me deu algumas sugestões de como contar a história baseado na experiência dela e me contou o que mais chamou a atenção dela ao contar a história para crianças de diferentes idades.

Realização: As crianças chegaram do parque grama agitadas, então na tentativa de acalmá-las fomos logo pedindo para elas sentarem na rodinha. Antes de contar uma história procuro sempre despertar o interesse deles, dizendo que eu vou contar uma

historinha muito legal que eu tenho certeza que eles irão gostar e chamo a atenção deles para que eles façam silêncio e se comportem bem. Para representar a ideia do silêncio e da atenção deles cantei a música do mosquitinho e enquanto cantávamos a música um aluno ainda falava algumas coisas que eu não consegui entender, mas não falei nada com ele porque percebi que ele só queria chamar a atenção. Fiz algumas adaptações com relação ao texto da história porque tenho certeza que algumas coisas eles não conseguiriam entender, por exemplo, na primeira parte do livro apresentei Chapeuzinho Amarelo e disse que ela tinha medo de tudo acrescentando o medo de algumas coisas que não estava no texto e excluindo outras e mostrei para eles que estava amarelada de tanto medo. Na segunda parte eu segui o texto e perguntei para eles o que era cada imagem que estava presente nessa parte, o interessante foi que quando eu tinha acabado de virar a página um dos alunos olhou para mim e disse que chapeuzinho estava dormindo sendo que eu disse que ela não dormia com medo de pesadelo, ou seja, ele abstraiu a imagem e não o que eu tinha falado isso prova que o uso de imagens é muito importante para o aprendizado das crianças nessa etapa do conhecimento.

Na terceira parte mostrei a Chapeuzinho Amarelo e perguntei detalhes sobre como ela estava representada e eles souberam me responder de forma detalhada tudo aquilo que eu perguntei. Na quarta parte surgiu uma pergunta que me deixou sem saber se respondia ou não: “Tia porque o lobo não existia?” A aluna L perguntou isso porque tem uma parte que diz que “vai ver o lobo nem existia”, mesmo estando com dúvida se respondia ou não eu disse: “Ele não existia porque ele era fruto da imaginação dela”, não sei se isso a ajudou a compreender ou não, mas a dúvida dela foi tão pertinente que a meu ver o melhor era respondê-la. Na quinta parte perguntei com que o lobo estava parecendo e eles disseram: “preto”, mas perguntei na intenção de saber como ele estava colocado e não a sua cor, então expliquei para eles que ela era a sombra da Chapeuzinho Amarelo. No meio da contação de história tive que ficar pedindo para eles sentarem no quadradinho, pois eles às vezes ficavam muito próximos de mim porque queriam ver as imagens mais perto, só que isso atrapalhava os outros alunos de verem, então eu fechava o livro e dizia que eu só continuaria a história se eles voltassem para o quadradinho. Na sétima parte eles riram muito da imagem do lobo pelado e a aluna L me perguntou por que ele estava assim e eu disse que era porque a Chapeuzinho não

tinha mais medo dele. Na penúltima parte perguntei para eles todos os personagens ilustrados na história e o mais interessante foram as respostas deles com relação ao que eu perguntei, por exemplo, o dragão eles disseram que era o jacaré e o tubarão eles disseram que era um peixe, mas realmente as imagens estavam bem semelhantes ao que eles disseram. Por mais que a imagem do lobo fosse diferente da história da Chapeuzinho Vermelho eles o identificaram e ao perguntar se essa história era igual a da Chapeuzinho Vermelho eles responderam que não.

Avaliação: Fazendo uma análise com as outras histórias que eu já contei pude perceber que a cada história contada eu evoluo com relação a maneira que conto, as experiências anteriores foram muito importantes para que isso acontecesse, nessa contação observei que eu explorei mais os recursos da fala e do uso de expressões e que tanto isso quanto o fato de eu não ter lido todas as partes contribuíram para que eu mantivesse por maior tempo a atenção deles. A aluna L me chamou muita atenção com a sua atitude crítica de perguntar por que o Lobo não existia, ou seja, esse foi um ponto positivo dessa aula, a aluna foi capaz de fazer uma pergunta que não estava explícita no livro, a minha resposta a ela foi com base na interpretação que eu tive da história. A criticidade é uma característica que deve ser desenvolvida desde muito cedo, pois faz com que o sujeito seja auto pensante, faz com que ele reflita sobre o que está acontecendo ao seu redor e isso contribui para o seu aprendizado significativo sobre as questões que estão mal resolvidas no seu interior.

O papel da escola é o de desenvolver a atitude crítica nas crianças, estimulando cada vez mais elas a questionarem algumas coisas que lhe são impostas no seu dia-a-dia e no contexto em que vivem. A literatura infantil também contribui para o desenvolvimento do pensamento crítico, da autonomia e da criatividade, portanto é essencial para a educação infantil e demais anos de formação dos sujeitos.

## **6. Brinquedos 19/11/2012**

### Objetivo geral

- Conhecer os brinquedos que as crianças mais gostam atualmente.

### Objetivos específicos



- Integrar o brinquedo a atividade lúdica;
- Reconhecer os seus brinquedos;
- Reconhecer brincadeiras;
- Promover o desejo pelo brincar;
- Analisar a relação do brinquedo com a criança;
- Analisar o processo de introdução a escrita.

#### Faixa etária

De 02 a 04 anos.

#### Tempo estimado

45 minutos.

#### Material necessário

- Folhas brancas cortadas ao meio;
- Canetinhas coloridas.

#### Desenvolvimento

A atividade tem como tema os brinquedos, porém não se limita apenas a isso, trata-se de uma aula em que o professor terá um diálogo com as crianças o tempo todo, a fim de saber quais são os brinquedos que elas mais gostam, quais são as brincadeiras que elas brincam e se possível for é importante ter algum relato de como elas brincam, pois o objetivo é conhecer os tipos de brinquedos e brincadeiras que as crianças estão envolvidas nessa fase do seu desenvolvimento. Após isso é proposto pelo professor a atividade de brincar de fazer cartinha para os pais para que se possa analisar como ocorre o processo da escrita nessa faixa etária e por ultimo faz-se um avião de papel para cada criança brincar e se divertir.

Preparo: O tema dessa aula surgiu do próprio planejamento da escola que é entregue para as professoras e que eu possuo uma cópia. O tema tem tudo a ver com o que eu já estudei no Projeto 03 fase 01 (Encanto no Aprender: O lúdico no contexto escolar), então foi possível que eu relacionasse a teoria com a prática, com o intuito de promover um espaço propício a ludicidade que é tão importante para o desenvolvimento da criança e que é pouco oferecido nas escolas.

Realização: Nesse dia entramos na nossa sala às 13h30min já com quatro crianças que estavam no plantão, assim que entramos a gente olhou a agenda de cada um deles para ver se tinha algum recado dos pais, enquanto isso eles estavam sentados na mesa brincando com os brinquedos da escola. Depois chamamos eles para vestirem o macacão porque iríamos para parque depois do lanche, a medida que eles iam terminando voltavam para mesa e continuavam a brincar. A professora substituta chegou e fez a rodinha com eles, e depois disso teve início a minha aula.

Sentei na rodinha onde eles já estavam e expliquei que o tema dessa semana era “brinquedos” e que depois cada um ganharia um avião de papel para brincar. Depois perguntei se eles gostavam de brinquedo e todos disseram que sim, então aproveitei para dizer que na minha casa tem muitos brinquedos e citei alguns e perguntei quais eram os brinquedos que eles tinham em casa, sendo que eles sempre falavam apenas um brinquedo e eu sempre perguntava “e o que mais” para saber os outros, a aluna L disse que tinha a Rapunzel, a Aurora e a Barbie, o aluno H disse que tinha um caminhão e um carro forte, o aluno E disse que tinha o carro do McQueen e do Tom Mate (personagens do filme “Carros”), o aluno G disse que tinha o lego, a maioria disse que tinha estilos de Barbie e carros, mas teve uma aluna que me chamou a atenção ao dizer que na sua casa tinha massinha e bola, então naquele momento percebi que ela apresentou uma resposta completamente diferente das outras, não sei explicar o porquê dessa resposta, acredito que provavelmente ela deve conviver com primos que a influenciam a brincar com esses brinquedos, irmão não deve ser, pois sei que ela só tem uma irmã dois ou três anos mais velha que ela. Depois disse contei para eles as brincadeiras que eu mais gostava quando era criança e citei algumas, ao contar especificamente a brincadeira pique-esconde, perguntei se eles brincavam disso e eles responderam que sim, mas teve uma aluna que me respondeu com alguns detalhes importantes, ela disse que brinca dessa brincadeira em casa com a sua mãe e que a sua mãe se esconde e ela fica procurando e quando vai ver ela se escondeu atrás da cortina. Quando algum aluno E ficava “bagunçando” eu dizia a ele que se ele não ficasse bonito ele não iria ganhar o avião, então ele dizia que iria ganhar sim, meio que querendo se impor e eu falava para ele que ele somente ganharia se ficasse bonito aí ele parava de atrapalhar a aula.

Após falar das brincadeiras perguntei se eles gostariam de brincar de escrever uma cartinha bem linda para papai e para mamãe e eles responderam que sim, então disse que eles teriam que escrever para os pais e depois colocar o nome deles no cantinho da folha, depois pedi para que eles levantassem e sentassem na mesinha, distribui folhas brancas e canetinhas para fazerem a cartinha. À medida que cada um ia terminando pedia para que segurasse a sua cartinha e que sentasse na rodinha, às vezes eles ficavam um pouco atrapalhados porque a professora estava chamando de um por um para fazer um trabalhinho ao mesmo tempo que eu estava dando a minha aula. Quando todos terminaram sentei na rodinha com eles e fui perguntando para cada um o que eles tinham feito e eles foram falando, alguns ouviam o que o colega tinha dito que desenhou e repetiam a mesma coisa, mas outros mesmo tendo ouvido o colega diziam que tinham feito outras coisas. A aluna C me chamou a atenção com a sua cartinha ao dizer que um rabisco que ela tinha feito no cantinho da folha era seu nome. Ainda sentados na rodinha, fui fazendo os aviões de papel e entregando primeiramente para aqueles que estavam bem comportados e depois eles tiveram um tempo para brincar com o seu avião da forma que desejassem, notei que alguns por curiosidade acabaram desdobrando o papel e perdendo a forma do avião. Após brincarem eu recolhi os aviões porque já estava na hora do lanche, cada um pegou sua lancheira e fomos lanchar encerrando assim a minha aula.

Avaliação: Essa aula me fez refletir sobre as mudanças que ocorrem na nossa sociedade com o passar do tempo, os brinquedos que nós brincávamos já não são os mesmos que as crianças brincam atualmente, a ideia do avião de papel foi justamente com o intuito de resgatar isso. Os brinquedos estão cada vez mais revestidos de tecnologia e a ideia de se brincar coletivamente está se perdendo e as crianças estão cada vez mais individualistas. Penso que o problema disso tudo não está no brinquedo, mas na própria família que não incentiva suas crianças a brincarem coletivamente, por isso a aluna A me chamou tanta atenção ao dizer que brincava de massinha e de bola, pois ela estava mostrando que participa de brincadeiras em comum com outras crianças e isso é muito importante. A aluna C também me surpreendeu ao dizer que aquele rabisco no cantinho da folha era seu nome, porque isso demonstrou que ela associou o que eu tinha dito antes ao que ela fez e isso mostra que essas crianças são cognitivamente capazes de fazer coisas

surpreendentes e que a sociedade em si e não somente os professores são os responsáveis por incentivar essas ações nas crianças de forma livre e espontânea.

## **7. A padaria 22/11/2012**

### Objetivo geral

- Oportunizar as crianças um momento de criação.

### Objetivos específicos

- Promover a criatividade e a imaginação;
- Relacionar o alimento com o seu local de venda;
- Identificar a ação;
- Conhecer os principais alimentos presentes em uma padaria.

### Faixa etária

De 02 a 03 anos.

### Tempo estimado

45 minutos.

### Material necessário

- Massa de modelar;
- Brinquedos de cozinha.

### Desenvolvimento

A atividade consiste na produção fictícia de alimentos pertencentes a uma padaria, que se dá de livre e espontaneamente, sem que o mediador obrigue as crianças a produzirem determinado alimento, o ideal é que o alimento feito pela criança seja característico de uma padaria, mas não se deve forçar a criança a nada, se ela desejar criar qualquer outro alimento não se deve haver grandes intervenções, o importante é que ela própria pense e reflita sobre a relação do alimento que ela está fazendo com os alimentos presentes na padaria.

Preparo: O tema dessa semana segundo o planejamento da escola era “Alimentação”, a princípio eu estava sem ideias e não sabia o que preparar para essa aula, mas para a minha surpresa minha amiga da faculdade me emprestou um livro muito bom que no final acabei comparando, chama-se “Ensinar e Aprender Brincando” de Pam Schiller e Joan Rossano. O livro traz mais de 750 atividades para a educação infantil, rico em atividades para serem feitas em sala de aula. Primeiramente pensei em fazer uma atividade sugerida pelo livro denominada “doce e salgado” em que eu teria que levar alimentos para as crianças provarem e dizer se aquele alimento é doce ou salgado, mas resolvi não fazer porque nessa escola existem algumas crianças que não podem comer determinados alimentos, porque são alérgicas e como eu não tinha essa relação decidi não ariscar, poderia até conseguir com a nutricionista da escola, porém ela teria apenas das crianças que lancham ou jantam na escola. Quando estava ainda procurando olhei uma atividade da padaria e achei bem interessante e decidi fazê-la, só que com uma modificação: fazer com a massinha já pronta ao invés de prepará-la com eles. Essa atividade foi retirada do livro “Ensinar e Aprender Brincando” de Pam Schiller e Joan Rossano presente na página 71.

Realização: As crianças que chegaram entre 13h e 13h 30 ficaram na sala do plantão juntamente com crianças de outras turmas brincando com os brinquedos pedagógicos, após 13h 30 cada turma vai para a sua sala. Ao chegar à nossa sala nós distribuímos um brinquedo para as crianças e até esse momento a professora regente ainda não está presente, pois ela só entra na sala as 13h 45, então eu e a professora contratada vamos vendo se os pais mandaram algum bilhete na agenda e vamos chamando algumas crianças para vestirem o macacão. A professora regente chega e espera mais crianças chegarem e por volta de 13h 50 ela senta na rodinha com eles, fala sobre o tema e canta algumas canções. Como a rodinha nesse dia foi bem rápida, ela fez a rodinha com eles e em seguida pediu que eles sentassem na mesinha e continuassem brincando com os brinquedos, conversei com ela e perguntei se eu poderia fazer uma atividade com eles de 14h 15 as 15h, ela me respondeu positivamente e disse que eu não precisava nem pedir. Então sentamos na rodinha e eu peguei uma caixa de brinquedos cheia de acessórios de cozinha e como tinha algumas crianças que estavam atrapalhando eu disse que só daria para as crianças que estivessem bonitas.

Perguntei a eles qual era o tema daquela semana e uma aluna disse que era alimentação e outro aluno disse que era alimento, então expliquei para eles que como o tema era alimentação nós iríamos brincar de padaria, onde teríamos que fazer alimentos presentes nesse tipo de estabelecimento como pães, biscoitos, salgados etc. Distribui uma panelinha e uma colher para cada um deles, o interessante era que enquanto eu distribuía alguns queriam escolher o brinquedo, então eu disse que eles não poderiam escolher, porque eles ganhariam espontaneamente, depois distribui um pedacinho de massinha para que eles brincassem de cozinhar. Enquanto eles brincavam eu ia perguntando para cada um o que eles estavam fazendo, se estava ficando bom e se o que eles estavam fazendo tinha uma padaria. Assim que eles começaram a brincar perguntei o que eles iriam fazer, a aluna S disse que iria fazer uma maçã, provavelmente ela respondeu assim porque imaginava que eu estava perguntando qual era a fruta que ela mais gosta de comer, pois essa pergunta já tinha sido feita anteriormente pela professora titular, então repeti a pergunta explicando que eu não queria saber a sua fruta preferida, mas o que ela iria fazer para colocarmos na nossa padaria, então ela refletiu sobre a pergunta e me deu outra resposta, disse que iria fazer pão, já a aluna L disse que estava fazendo biscoito, o aluno H disse que estava fazendo pão de queijo, o aluno C me chamou atenção porque apresentou uma resposta muito interessante e que ninguém havia dito, ele disse que estava fazendo balinha. As respostas foram várias, porém o que se sobressaiu foi o pão de queijo. Percebi que a aluna L estava indecisa, porque ela sempre me respondia uma coisa diferente quando eu perguntava o que ela estava fazendo e normalmente a resposta dela era sempre a mesma do amigo que tinha respondido anteriormente a ela, mas o interessante foi que algumas vezes ela utilizou a palavra “também”, então me dei conta de que ela respondia sabendo que sua resposta era igual a do colega e isso é muito importante para essa fase do desenvolvimento, enquanto que a aluna L sempre falava que estava fazendo uma coisa diferente, o aluno H sempre respondia que estava fazendo a mesma coisa: pão de queijo. Durante todo o processo eu fiquei sempre incentivando eles a fazer algo que fosse pertencente a padaria e que eles gostassem e que por isso deveriam fazer com muito amor para que ficasse muito gostoso e eu também dizia a eles o que eu estava preparando. No final pedi para que todos colocassem os seus alimentos no centro da rodinha para que nós

podéssemos ver quantas coisas haviam na nossa padaria. As crianças levantaram, pegaram suas lancheiras e fomos para o refeitório lanchar.

Avaliação: Eu observei através dessa atividade que as crianças estão na fase da imitação e é por isso que elas repetem a mesma coisa que o outro coleguinha disse e não só repetem a fala como também o comportamento, mas a grande questão que me veio à cabeça foi: se a imitação é característica dessa fase do desenvolvimento, então porque algumas crianças são capazes de dar respostas totalmente diferentes das demais? Penso que deve ser porque essa característica está mais presente em algumas crianças do que em outras, pois a criança não se desenvolve igual as outras, cada uma tem o seu ritmo de aprendizagem e desenvolvimento, jamais o desenvolvimento ocorrerá de forma igual para todos, portanto a atitude que o professor deve ter frente a essa diversidade é a de respeitar e a de trabalhar para que os próprios alunos se respeitem e utilizar de estratégias lúdico pedagógicas para que a criança se desenvolva com o foco no seu processo de desenvolvimento e não no produto.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo geral do presente trabalho, compreender como que jogos e brincadeiras contribuem para a prática pedagógica, pode ser realizado e citado com sucesso durante toda a pesquisa.

Durante as observações realizadas dentro do ambiente da escola “Cantinho do saber”, foi possível perceber que as professoras da escola utilizam o brincar diariamente, seja voltado para as atividades de descontração e diversão ou para o processo de ensino-aprendizagem.

Sendo o brincar uma atividade rica em aprendizados e que proporciona prazer e diversão, percebemos que o brincar não está presente somente no momento em que as crianças vão ao parque, ele também pode ser percebido em diferentes situações e em momentos diferentes que nem sempre são os destinados ao brincar.

Analisando as atividades estruturadas, podemos perceber que elas promoveram a interação e o respeito entre as crianças. O primeiro pode ser notado quando os alunos se uniam para tomar decisões mediante as dificuldades que foram surgindo ao decorrer do trabalho e o segundo foi observado quando as crianças tinham que esperar a sua vez para poderem participar, respeitando assim a vez do próximo. Além disso, as crianças usaram bastante a criatividade, para desenhar, para contar as histórias, para fazerem caretas, ou seja, praticamente a criatividade esteve presente durante todo o momento do brincar.

Vale lembrar que surgiram casos de competição e cooperação, respectivamente quando as crianças participaram de algumas brincadeiras em que poderia existir um “ganhador” e quando uma criança ajudava o colega.

De acordo com as observações realizadas e a participação nas mesmas é possível concluir que o brincar se torna um meio pelo qual a aprendizagem ocorre de forma mais significativa e produtora, não só de novos conhecimentos, mas também de novas relações que se transformam no decorrer da brincadeira, por exemplo, a criança brinca de ser mãe e posteriormente se transforma na professora, no faz de conta.

O brincar envolve a criança de tal forma que aquela brincadeira acaba ganhando uma gota de seriedade. Por isso o brincar é tão importante pra criança, para o processo educacional e para a socialização dos sujeitos.



## **PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS**

Comecei há estagiar um pouco tarde quase no final do curso, mais especificamente no quinto semestre. O estágio na Educação Infantil me possibilitou a descoberta de novos horizontes e cheguei à conclusão de que o meu perfil se encaixa perfeitamente nessa área, já que consegui me identificar bastante com a rotina de trabalho. Depositei esperanças na possibilidade de contratação na escola, infelizmente não aconteceu por falta de vaga, mas isso não me desanimou e só me deu animo para estudar ainda mais e foi assim que consegui ser aprovada no último concurso público de professor temporário (2013).

A aprovação nesse concurso modificou os meus planos, não pretendia me formar agora, porque estou estudando para outro concurso. O meu objetivo era terminar as disciplinas nesse semestre e no próximo ficar só com a monografia, mas esse resultado vez com que eu fizesse de tudo para me formar o mais rápido possível e foi por isso que eu pedi a antecipação de formatura.

Tendo adquirida uma maior experiência gostaria de fazer uma pós-graduação Educação Infantil focando na “aprendizagem e desenvolvimento infantil”.

Gostaria de conseguir, também, atuar como professora em cursos de graduação, pois tenho muita vontade de poder passar a minha experiência adquirida em sala de aula para os(as) futuros(as) pedagogos(as).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SCHILLER, Pam. Ensinar e Aprender Brincando. Porto Alegre: Artemed, 2008.

GASPAR, Lúcia; BARBOSA, Virgínia. **Jogos e brincadeiras infantis populares**. Pesquisa Escolar Online, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>>. Acesso em: 01 de novembro de 2012.

FREITAS, Wanderléia Rigueti de. **O trabalho pedagógico na educação infantil: uma análise da organização do espaço**. Universidade Estadual de Londrina UEL. Disponível em: <<http://www.uel.br/eventos/jornadadidatica/pages/arquivos/O%20TRABALHO%20PEDAGOGICO%20NA%20EDUCACAO%20INFANTIL.pdf>> Acesso em: 19 de janeiro de 2013.

KISHIMOTO, Tizuko M. **Jogo, brinquedo e a educação**. 4.ed. São Paulo: Cortez, 2000.

PEREIRA, Eugenio Tadeu. **Brinquedos e infância**. Revista Criança, Brasília, MEC, nov.2002.

ARIÉS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. 2 ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília. Senado Federal. 1988.

CARNEIRO, Moaci Alves. **LDB fácil**. 17.ed. Petrópolis RJ: Vozes, 2010.

HADDAD, Lenira. **Substituir ou compartilhar? O papel das instituições de educação infantil no contexto da sociedade contemporânea**. In: MACHADO, Maria Lúcia. Encontros e desencontros da educação infantil. São Paulo: Cortez, 2002.

GONSALVES, Elisa P. **Conversas sobre iniciação á pesquisa científica**. 4 ed. Campinas, SP: Alínea, 2005.

OLIVEIRA, Zilma Ramos. **Os primeiros passos da história da educação infantil no Brasil**. In: Educação Infantil: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2002.

TUNES, Suzel. Artigo, **Rumo á Maturidade**, publicada na revista Nova Escola, Ed. Abril. Edição Especial nº9, 2006.

NUNES, Ana Ignez Belém Lima; SILVEIRA, Rosemary do Nascimento. Psicologia da Aprendizagem. 3 ed. Brasília: Liber Livro, 2011.

SANTOS, Marli Pires dos. **O brincar na escola**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Presidência da República. Disponível em: < [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm)>  
Acesso em: 13 de julho de 2012.

## ANEXOS